

ESPIRITUALISMO EM FOCO

Mediunidade, reencarnação, universalismo e outras questões...



PABLO DE SALAMANCA

2012

SOBRE O AUTOR

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. Até 2011, dez livros foram concretizados pelas mãos de Pablo: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011) e *Sonetos para refletir* (2011). O livro em tela, “Espiritualismo em foco”, foi finalizado no início de 2012, sendo o décimo primeiro livro de Pablo de Salamanca. Este trabalho é resultante de suas reflexões e estudos sobre vários importantes temas espiritualistas. Em futuro breve, outros livros que já estão em execução, serão divulgados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos diversos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* **www.harmonianet.org**, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do *e-mail* **contato@harmonianet.org**, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o autor e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

CAPA

A capa é a fotografia “Butterfly-flower-2”, de Jon Sullivan, retirada do site <http://www.public-domain-photos.com> (acesso em 20/05/2011), cujas fotos são de domínio público, podendo ser usadas para qualquer propósito.

ÍNDICE

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>ARTIGOS</u>	2
Artigo 1 - O que é Espiritualismo	3
Artigo 2 - Mediunidade	8
Artigo 3 - O mito do diabo	12
Artigo 4 - Espiritualismo Ecumênico	16
Artigo 5 - Universalismo	19
Artigo 6 - A Lei da Atração e a reencarnação	23
Artigo 7 - Reencarnação e ciência: alguns aspectos	28
Artigo 8 - Animismo e mediunidade	32
Artigo 9 - Dogmatismos	39
Artigo 10 - Profecias catastróficas: breve histórico e causas principais	43
Artigo 11 - Princípios para um Espiritualismo Universalista	49
Artigo 12 - Espiritualidade e religião	55
Artigo 13 - Perfil do espiritualista universalista	60
Artigo 14 - Origens de um Espiritualismo Universalista	67
Artigo 15 - Umbanda e Espiritualismo Universalista	72
Artigo 16 - Espiritismo e Espiritualismo Universalista	79
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O LIVRO</u>	84

INTRODUÇÃO

O presente livro, “Espiritualismo em foco”, reúne uma série de artigos sobre temas diversos, que compõem um cenário geral do Espiritualismo praticado no Brasil, embora não tenha havido a pretensão de se produzir um panorama completo, tarefa muito difícil, talvez mesmo impossível. Portanto, a obra em tela consiste numa coletânea de reflexões, que foram apresentadas ao público, originalmente, através do *site* www.espiritualistas.org. E para não perder esta realidade de vista, a colocação de cada artigo neste *e-book* respeitou a ordem cronológica de elaboração, desde o mais antigo para o mais recente. Contudo, como o amigo leitor poderá constatar por meio de uma leitura mais cuidadosa, os assuntos abordados, apesar de diferenciados, têm expressiva correlação entre si. Desta forma, não será difícil notar que o conjunto de artigos realmente permite uma boa visão panorâmica do Espiritualismo brasileiro, bem como mantém, em várias oportunidades, um foco agudo sobre questões de grande relevância.

Em especial, nesta breve introdução, chama-se atenção para um aspecto fundamental do Espiritualismo nacional, que é o fato dele ter forte característica de síntese quanto às religiões/filosofias praticadas no mundo. Não podemos esquecer de nossas origens histórico-culturais, que se refletem na espiritualidade brasileira. Assim o Brasil, ao longo do tempo, tem dado passos significativos em direção ao que se denomina “Universalismo”. Estamos aqui, em pleno continente sul-americano, ainda nos primórdios do 3º milênio, fazendo uma síntese muito interessante das principais correntes espiritualistas do planeta. E este singelo livro pretende apresentar, ainda que de maneira preliminar, que este processo de síntese em curso está resultando num genuíno **Espiritualismo Universalista**.

ARTIGOS

ARTIGO 1

O QUE É ESPIRITUALISMO

Escrito originalmente em 19 de setembro de 2005, e revisado em 19 de março de 2011.

Caros amigos, se procurarmos entender o que é Espiritualismo, através de definições clássicas e/ou pragmáticas que constam nos dicionários, teremos uma noção apenas razoável do seu significado. Contudo, para não nos omitirmos quanto a este caminho, aqui expomos, a título de exemplo, as seguintes definições para a palavra “espiritualismo”: A- “Doutrina filosófica que admite a existência do espírito como realidade substancial: o espiritualismo de Leibniz. Opõe-se ao materialismo.”⁽¹⁾; B- “Doutrina filosófica que tem por base a existência de Deus e da alma”⁽²⁾; e C- Doutrina que admite, quer quanto aos fenômenos naturais, quer quanto aos valores morais, a independência e o primado do espírito com relação às condições materiais, afirmando que os primeiros constituem manifestações de forças anímicas ou vitais, e os segundos criações de um ser superior ou de um poder natural e eterno, inerente ao homem”⁽³⁾. Desta forma, é possível notar o caráter genérico ou amplo das definições apresentadas para “espiritualismo”. Há, no entanto, muitas conotações para esta questão, ou seja, existem diversos tipos de Espiritualismo.

A princípio, podemos destacar uma certa distinção entre Espiritualismo e Espiritismo. Para alguns, estes termos seriam semelhantes ou, até mesmo, sinônimos. Porém, os companheiros que seguem exclusivamente a filosofia e práticas de Allan Kardec, preferem ser chamados “espíritas”, ao invés de “espiritualistas”. Para eles, o conjunto de conhecimentos estudados e sistematizados por Allan Kardec, brilhantemente, formam o “Espiritismo” ou “Espiritismo Cristão”, enquanto outras doutrinas, que também praticam a mediunidade, mas que adotam, além dos ensinamentos “kardecistas”, elementos de culturas originariamente orientais, africanas ou indígenas, seriam “Espiritualismo” ou algum outro termo. Hoje, é fácil notar como já há um entrelaçamento maior entre diferentes correntes de espiritualismo. Acreditamos que isto é salutar, pois assim como “na Casa do Pai há muitas moradas”, há muitas formas de se compreender a espiritualidade aqui na Terra e, correspondentemente, existem muitas “localidades” no Mundo Sutil, com diversos tipos de entendimento. No entanto, o que realmente importa, é a busca do progresso espiritual, atuando dentro do campo vibratório do “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Até agora, dissertamos, de forma breve, principalmente sobre o espiritualismo que pratica a mediunidade. Mas, e as doutrinas ou religiões que não admitem a comunicação mediúnica corriqueira com os espíritos? Elas não são espiritualistas? Bem, segundo as definições citadas, oriundas de dicionários, elas também compõem agregados espiritualistas. Ou seja, o Judaísmo, o Catolicismo, o Protestantismo e o Islamismo, por exemplo, são doutrinas filosoficamente espiritualistas, pois admitem a existência da alma e de uma força superior, que é Deus. Neste ponto, portanto, há uma convergência entre estas culturas religiosas e o Espiritualismo mediúnico. Mas, as similaridades param por aí? Podemos afirmar que não, porque as principais vertentes do

Cristianismo (Catolicismo Romano, Catolicismo Ortodoxo e Protestantismo) têm, em uma de suas bases de formação, o Velho Testamento, intimamente associado ao Judaísmo. E no Judaísmo é impossível negar a grande importância dos profetas. Isto é, o ato de profetizar é um dos alicerces do Judaísmo antigo. E o que é profetizar? Nada mais é do que a prática da mediunidade, pois os profetas viam os Anjos (visão espiritual ou clarividência) e ouviam aos mensageiros celestes ou ao “próprio Deus” (clariaudiência), sendo intermediários para informações entre dimensões diferentes. Ora, sendo o Judaísmo um importante pilar da civilização ocidental e de suas religiões cristãs, aí está mais um ponto de convergência entre estas doutrinas e o Espiritualismo (mediúnico). Além disso, alguns estudiosos comentam que a civilização judaico-cristã, nos seus primórdios, tinha como verdade a reencarnação, que é um dos conceitos fundamentais entre os espiritualistas que exercem a mediunidade. É importante lembrar que a reencarnação foi oficialmente abolida do meio católico somente em 553 d.C., no Concílio de Constantinopla, hoje Istambul/Turquia. Já que estamos falando em reencarnação, lei natural intimamente ligada ao aprendizado evolutivo do espírito, nela encontramos mais uma convergência entre o Espiritualismo mediúnico e outras religiões como o Hinduísmo, que têm como preceito a reencarnação, as suas causas e consequências.

Contudo, após esta rápida análise comparativa entre tantas maneiras de cultivar a espiritualidade, neste planeta, somente podemos concluir que o ideal é aspirarmos a uma união maior entre todos estes grupos religiosos. cremos que, no futuro, a humanidade compreenderá que cada um de nós é filho do mesmo Deus e, portanto, somos todos irmãos. Quando todo o véu for levantado e nada mais estiver oculto, não haverá mais separatismos e facções de qualquer espécie.

Mas, como fica a Ciência nesta discussão sobre o que é espiritualismo? Nós que somos representantes do Espiritualismo mediúnico, não vemos a Ciência, em qualquer de suas vertentes ou especialidades, como antagonista da espiritualidade ou da religiosidade. Entendemos que a fé, sem a razão, leva ao fanatismo. Compreendemos que o Espiritualismo evoluirá junto com a Ciência. Porém, alguns cientistas necessitam deixar de lado certos preconceitos, que os tornam tão dogmáticos quanto os teólogos mais ortodoxos. É preciso atentar, por exemplo, para as mais recentes direções da Física, que está deixando de ser tão mecanicista, para encontrar novos caminhos e explicações na relatividade das coisas. O método científico, como foi concebido, não permite a explicação de todos os fenômenos da natureza. Está em formação um novo paradigma do conhecimento: o Paradigma Holístico. Ainda está em seus primórdios, mas já mostra a sua força através das novas filosofias e métodos de pesquisa que vêm se desenvolvendo, e dos fatos que vão se impondo na sociedade humana. Que fatos são estes? Algumas terapias alternativas, ainda não explicadas de forma concisa pela ciência ortodoxa, curam ou trazem um alívio evidente aos doentes

do corpo e da mente. A Transcomunicação Instrumental já traz resultados positivos na comunicação direta, via aparelhos eletrônicos, com seres de outra dimensão (pessoas desencarnadas). As cirurgias mediúnicas, tanto as que cortam a carne do paciente, como as que não usam métodos invasivos, já foram fartamente documentadas, inclusive filmadas, apresentando curas espetaculares. Estudos sobre regressão a vidas passadas demonstram, não só a sua eficácia em recuperar pacientes de seus traumas, mas também têm trazido evidências de fatos e costumes antigos, comprovados através de sérias investigações históricas. Muitos outros fenômenos, não esclarecidos adequadamente pela ciência tradicional, têm ocorrido, mas não é objetivo deste artigo nos alongarmos mais sobre este assunto. Apenas queremos, neste momento, reafirmar a grande importância da Ciência para a humanidade e desejar que ela encontre novos métodos, mais abrangentes, que possam explicar muitos fatos que são deixados de lado por boa parte da "Ciência Oficial". Diversos pesquisadores que "esbarram" nestes fatos, mas preferem ignorá-los, o fazem porque são materialistas convictos (dogmáticos), ou porque temem serem ridicularizados, o que compreendemos neste caso, pois é o que acontece com frequência, infelizmente, com aqueles que tentam estudar mais a fundo, fenômenos que mexeriam com as bases da sociedade estabelecida. Na verdade, entendemos que a Ciência não está sabendo lidar com os fortes indícios de continuidade da vida humana, após a morte do corpo físico, através do espírito que permanece desperto e atuante, além deste mundo tridimensional.

Caros amigos, espiritualistas de qualquer gênero ou materialistas, terminamos este artigo lembrando que não somos donos da verdade. Simplesmente expomos, aqui, as nossas ideias que, com certeza, não serão unanimidade. Estamos prontos para ouvir negativas completas ou discordâncias parciais, quanto ao assunto abordado. Em nenhum momento, tivemos a intenção de ofender a qualquer coletividade ou pessoa. Ainda em tempo, desejamos concluir que o Espiritualismo mediúnico, filosofia de vida adotada por nós, tem sido um bom caminho para encontrar equilíbrio interior. Visualizamos também que, por este meio, poderemos contribuir positivamente para a melhoria das relações entre os homens, de uma forma geral. Por isso, estamos neste espaço da Internet, a fim de compartilharmos as nossas experiências. Paz a todos!

Fontes bibliográficas consultadas:

- (1) Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse. Direção de Antônio Houaiss. Editora Larousse do Brasil. Rio de Janeiro, 1980.
- (2) Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Organização de Francisco da Silveira Bueno.

Fundação da Assistência ao Estudante/Ministério da Educação e do Desporto, 1994. 11ª edição/13ª tiragem.

(3) Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1999. 3ª edição.

ARTIGO 2

MEDIUNIDADE

Escrito originalmente em 21 de setembro de 2005, e revisado em 26 de março de 2011.

Hoje falaremos um pouco sobre Mediunidade. A princípio, cremos ser importante expor algumas definições, oriundas de boas fontes de referência. Segundo Allan Kardec, a Mediunidade é uma faculdade dos médiuns, e, no Livro dos Médiuns⁽¹⁾, consta que a palavra “médium” vem do Latim (*medium*), significando “meio” ou “intermediário”, ou seja, médium é pessoa que pode servir de intermediária entre os dois planos da vida, isto é, entre os espíritos e os homens. Conforme G. M. Ney⁽²⁾, Mediunidade é a faculdade dos médiuns ou sensitivos de serem “meio” aos fenômenos paranormais. De acordo com L. Palhano Júnior⁽³⁾, Mediunidade é a faculdade que têm as pessoas (médiuns), em maior ou menor grau, de receber comunicações ou perceber os espíritos ou o Mundo Espiritual.

A nosso ver, as definições apresentadas apontam para um aspecto fundamental da Mediunidade, que é o da intermediação. Dependendo do tipo de sintonia que o médium (também chamado sensitivo, paranormal ou aparelho mediúnico) estiver fazendo em determinado momento, a Mediunidade poderá ser algo agradável ou não. Em outras palavras, a Mediunidade, por si só, não é positiva nem negativa, consistindo meramente numa capacidade que a pessoa tem. Exemplificando, podemos citar um caso de Mediunidade mal exercida, onde um alcoólatra, que até mesmo desconhece ser médium, sintoniza-se com grande força a um espírito, que também foi viciado em álcool em sua última existência terrena. Desta forma, o alcoólatra encarnado recebe, facilmente, as sugestões mentais de seu “amigo invisível”, para buscar bebida frequentemente. Num caso de Mediunidade bem conduzida, podemos comentar sobre alguém que passou por um treinamento adequado de suas faculdades, passando a transmitir as vibrações de uma entidade equilibrada, com regularidade e sucesso a pessoas necessitadas, numa localidade destinada à cura/harmonização.

Contudo, a questão não é tão simples. Por exemplo, existem muitos tipos de Mediunidade quanto ao fenômeno que o médium produz (clarividência, psicografia, clariaudiência, etc.), porém não vamos nos ater a estas modalidades neste artigo. Objetivamos discorrer, um pouco, sobre a natureza ou origem da Mediunidade. Uma das origens da Mediunidade de um indivíduo pode ser chamada “Natural”, onde as suas capacidades se desenvolveram ao longo de diversas vidas, devido aos esforços de aprendizado e na busca de harmonia. Isto promoveu a utilização das próprias sensibilidades psíquicas, dando acesso a níveis de vida além da matéria. Nesta situação, como este tipo de Mediunidade é oriunda da perseverança pessoal em busca de aperfeiçoamento, a capacidade adquirida é um patrimônio do indivíduo como espírito imortal. Ele sempre renascerá com a característica conquistada, devendo, com o tempo, torná-la ainda mais eficiente em seus resultados.

Outra origem ou natureza das faculdades mediúnicas pode ser denominada Mediunidade de “Provação” ou “Trabalho”, quando o espírito, antes de reencarnar, recebe a condição mediúnica como atributo que deverá exercer na Terra, a fim de melhorar a si, enquanto beneficia aos semelhantes. É uma grande oportunidade do médium para reequilibrar suas ações errôneas pretéritas diante da chamada "Justiça Divina", ou, em outras palavras, conforme a "Harmonia Universal". Neste caso, como o indivíduo não é tão "endividado", ainda pode usar seu livre-arbítrio de forma ampla, recusando-se a cumprir à tarefa agendada previamente consigo mesmo e com a Espiritualidade. Desta forma, quando o espírito retorna ao Mundo Espiritual, terá percebido que postergou a sua harmonização perante a si e a outras consciências, o que o leva a sentir-se um tanto fracassado e pesaroso. Por outro lado, há casos em que o médium "de provação" exerce a sua condição, mas desvia-se do que foi programado por motivos vários. Alguns passam a vender a sua atividade mediúnica, esquecendo-se do “Dai de graça o que de graça recebestes”. Outros envaidecem-se, ignorando que são "devedores" quanto à "Harmonia Universal". Aliás, cremos que a vaidade é o pior inimigo do médium, pois ela começa a agir sutilmente, sem que se perceba, e, quando menos se espera, já há espíritos desequilibrados agindo através do seu campo mediúnico. Também, nessa situação, não são raras as manifestações provenientes do próprio inconsciente do médium, o que se configura em Animismo, que será melhor abordado em outro artigo. Nestes casos de desvio do trabalho, a Mediunidade pode ser suspensa pelos planos superiores, ou, em casos mais drásticos, é permitido que o médium fique entregue a si e às entidades obsessoras, que atraiu pela falta de seriedade, colhendo frutos amargos por isso.

Há também a Mediunidade colocada como de “Expição”, que se origina em gravíssimos erros sucessivos do indivíduo, em uma ou mais vidas pregressas. As suas faculdades afloram inesperadamente, muitas vezes até na fase da infância, independentemente da vontade da pessoa em desenvolver sua sensibilidade mediúnica. Em outras palavras, esta Mediunidade é consequência da "Lei de Ação e Reação", sendo que o livre-arbítrio do ser fica em segundo plano. É caracterizada também por determinados sofrimentos psicológicos, que podem ser acompanhados por problemas físicos, sendo, ambos, passíveis de amenização ou eliminação conforme o médium exerça o trabalho mediúnico com consciência, amor e dedicação. É neste caso que o médium mais necessita de uma orientação segura, visando a uma autotransformação, devendo-se incluir, na maioria das vezes, um bom acompanhamento psicoterapêutico. Quanto ao desenvolvimento mediúnico, precisa de diretrizes fortes no sentido da solidariedade e do "amar ao próximo como a si mesmo". O médium de expiação, caso não encontre uma base sólida para o seu desenvolvimento e trabalho contínuo, provavelmente será vítima de processo obsessivo grave e de doenças de difícil

cura pelos métodos tradicionais. No entanto, é muito importante que se frise, que é fundamental discernir aqueles que apresentam distúrbio psíquico, não possuindo uma finalidade mediúnica a cumprir, daqueles que vieram ao Mundo Material com desequilíbrios a transformar, mas que tenham realmente um trabalho mediúnico a exercer.

Por último, gostaríamos de dar uma breve pincelada sobre a Mediunidade assinalada como “Missionária”. Esta caracteriza-se pela finalidade de trazer grandes benefícios à humanidade, de uma forma geral, e tem como origem dimensões elevadas da Espiritualidade. É de lá que vem o médium missionário, espírito de profundo saber e com uma Mediunidade Natural bastante desenvolvida, para servir de instrumento à harmonização dos homens. Os médiuns missionários ainda são raros neste planeta.

Antes de fecharmos este artigo, lembramos que as modalidades de Mediunidade acima mencionadas são de cunho fundamentalmente didático. Na realidade, os médiuns apresentam traços que pertencem a mais de uma natureza mediúnica, em variadas proporções, conforme o histórico da caminhada evolutiva de cada espírito.

Para concluirmos, é relevante assinalar que todo e qualquer médium que queira bem cumprir a sua tarefa na Terra, deve abraçar os estudos. Hoje temos uma farta literatura espírita/espiritualista, que aborda bem a questão mediúnica. Queremos também reforçar a importância do “Orai e vigiai”, deixando reduzida, a um mínimo, a possibilidade da vaidade se instalar. E quando esta se entranhar sutilmente em nosso trabalho, deveremos ter humildade suficiente para reconhecer nossas falhas, e coragem para mudar. Saudações a todos.

Fontes bibliográficas consultadas:

- (1) O Livro dos Médiuns. Allan Kardec. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro, 1996. 62ª edição.
- (2) Parapsicologia: termos e mestres. Gerardo M. Ney. Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro, 1991.
- (3) Mirabelli: um médium extraordinário. Lamartine Palhano Júnior. Edições CELD. Rio de Janeiro, 1994.

ARTIGO 3

O MITO DO DIABO

Escrito originalmente em 19 de janeiro de 2006, e revisado em 02 de abril de 2011.

Caros amigos, inicialmente esclarecemos que este artigo é mais destinado àqueles que acreditam no chamado "diabo". É uma tentativa de trazer outros influxos de entendimento aos que estão, de certa forma, presos a conceitos que limitam às próprias vidas, devido ao medo e a outros sentimentos pouco saudáveis, vinculados à questão do "demônio", no sentido de uma personificação do que denomina-se "Mal". Não temos a intenção de ofender às pessoas e sacerdotes de grupos religiosos que têm, em seu arcabouço geral, a existência do diabo como fato, mas apenas oferecer uma outra via de compreensão da vida. Assinalamos também que não pretendemos ser extensivos neste texto, que poderia facilmente tornar-se um livro, caso nos estendêssemos sobre aspectos históricos, socioculturais e psicológicos ligados ao tema "diabo". Assim, seremos tão objetivos quanto possível.

Bem, o assunto é polêmico, lendário e milenar: o diabo. O diabo existe? Deus, com as suas chamadas Onisciência, Onipotência e Onipresença, teria cometido o “erro” de criar um ser que lhe faria frente ante o propósito de Amor, Justiça e Harmonia? O “Absoluto” ou “Força Divina” ou o “Criador” daria origem a uma entidade que lhe viesse a combater, pela eternidade, aos ideais?

As perguntas acima, sob a ótica espírita kardequiana ou de outras correntes espiritualistas, seriam respondidas de forma negativa. Ou seja, o diabo como personificação do “Mal Eterno” não existe, já que tudo evolui em direção à Harmonia. Além disso, é facilmente perceptível, em reuniões mediúnicas, que os casos de possessão “demoníaca” nada mais são do que processos obsessivos, onde uma pessoa sofre a ação de um espírito, que se diz demônio para amedrontar aos que estão a sua volta. Alguns livros psicografados, somados a relatos de médiuns com a capacidade de enxergarem o plano astral, informam da ocorrência de espíritos humanos deformados à semelhança do diabo da tradição cristã medieval. Isto é facilmente explicável pela literatura espiritualista, que assinala a plasticidade dos corpos sutis daqueles que desencarnaram. Sendo o corpo astral ou perispírito facilmente moldável ao pensamento humano, é razoável concluir que “naquilo que pensamos, nos tornamos”. Em outras palavras, um espírito que possui equilíbrio e amor, apresentará luz. Um espírito que só semeou discórdia e ódios poderá, conforme o que tem dentro de sua mente, mostrar-se como um “monstro” ou um “diabo”. E este ser humano, em desequilíbrio, assim permanecerá durante o tempo que o seu raciocínio estiver embotado. O processo pode durar desde alguns poucos anos até séculos. Contudo, um dia, novos influxos evolutivos penetrarão a sua mente e seu coração, induzindo-o ao processo reencarnatório, de onde retirará novas experiências que o conduzirão à paz de espírito. Estas informações são perfeitamente coerentes com o ensinamento de Jesus, quando Ele diz que nenhuma ovelha seria perdida do Aprisco Divino, isto é, nenhum espírito ficará eternamente apartado do caminho da evolução.

Mas, e a visão bíblica do diabo e do inferno? A Bíblia não é tão taxativa, em alguns momentos, quando relata a questão do inferno ou do diabo como figuras milenares, beirando à eternidade ou sendo mesmo eternos? Neste momento, é importante recordar o apóstolo Paulo, pois teria assinalado que a letra mata, mas o espírito vivifica. Este ensinamento mostra, claramente, que o papel aceita qualquer coisa que pensemos ou falemos, mas que as palavras são limitadas em expressar uma ideia em sua totalidade. Daí ocorrerem tantas interpretações diferenciadas do que está escrito na Bíblia. Além disso, quantas alterações nos textos originais bíblicos foram realizadas ao longo do tempo? E os erros de tradução de idioma para idioma? Fora estas questões, podemos mesmo assim fazer uma análise geral do tema em tela, nos textos bíblicos atuais. Percebe-se, com facilidade, a forte dualidade (Bem X Mal) presente na Bíblia. Nele, pretende-se, em muitos momentos, levar as pessoas para Deus, através do amedrontamento. Para que o ser humano deixe de praticar atrocidades e iniquidades, é preciso intimidá-lo com penalidades eternas, num inferno também eterno, que é gerenciado por uma figura centralizadora de todo o horror e maldade: o “diabo”. É compreensível que, milênios atrás, o estágio evolutivo da humanidade em todos os sentidos fosse primário, e, portanto, extremamente necessitado de imagens fortes para causar o impacto necessário em mentes e corações embrutecidos, de forma a se evitarem agressões e abusos de toda a sorte. Assim, o inferno e o diabo seriam interessantes “aliados” de Deus, já que muitos indivíduos, por medo das punições eternas, seriam “impulsionados” para as virtudes. Até mesmo Jesus teria se utilizado do diabo e do inferno, em algumas ocasiões, para demonstrar a Justiça Divina, que beneficia aos que seguem as Leis de Deus e que deixa os pecadores sob os cuidados da dor (o “demônio”). Compreendemos que Jesus se utilizou dessas metáforas para aqueles que precisavam delas, mas deixou outros ensinamentos (mais profundos) para aqueles que já tinham “olhos de ver e ouvidos de ouvir”.

O nível de entendimento das coisas espirituais, neste planeta, em geral ainda é pequeno. Também é fácil constatar que há grande diferença, entre as pessoas, quanto ao grau de compreensão espiritual. Contudo, cremos firmemente que não podemos nos acomodar no patamar que estamos. É fundamental usarmos a mente que a Divindade nos deu, para alcançarmos vislumbres cada vez maiores do universo, pois, afinal de contas, o próprio Jesus nos deixou o aviso de que batêssemos na porta para que ela se abrisse. Portanto, estamos aqui tentando contribuir para esta questão do “culto ao diabo”, que ainda existe em meio às diversas doutrinas cristãs. Aliás, neste momento, é interessante fazer um pequeno parêntesis. É importante ressaltar que algumas outras religiões/filosofias de origem não cristã, nem mesmo possuem uma personificação do “Mal” na figura do diabo, ou seja, para estes agrupamentos o diabo não existe. Isto é bastante relevante, pois

eles não se utilizam da “muleta milenar” do demônio, que nós ocidentais em geral usamos, para tentarmos fugir de certos vícios associados às sensações materiais. Isto é demonstrativo de que, neste ponto, nós que fomos criados dentro da cultura judaico-cristã, estamos num patamar de entendimento mais limitado do que os nossos irmãos orientais. Em outras palavras, a busca do Divino ou da Harmonia Universal deveria ser realizada mais por ela em si, do que pelo temor ao diabo, ou a outras personificações do chamado "Mal".

Para finalizar, há a questão psicológica. Para nós, enquanto limitados seres humanos, o "Mal" está sempre fora das nossas pessoas. O culpado é, quase sem exceção, o “outro”. Raramente admitimos sentimentos e pensamentos negativos como sendo originados de nós mesmos, pelo próprio exercício do livre-arbítrio. E muita gente, quando não pode acusar ninguém pelos seus fracassos, revoltas e erros de todo o tipo, acham o grande vilão para dar o veredito de culpado: o diabo! Até mesmo alguns espíritas/espiritualistas, que entendem o aspecto do demônio como figura simbólica, caem com frequência nesta armadilha psicológica, pois assinalam, não raramente, alguém externo a si mesmos como causadores de seus próprios deslizes, apontando espíritos obsessores como a grande causa de suas falhas. Lembremos então, de Jesus, através do "orai e vigiai". Se sintonizamos com forças desequilibradas (humanos desencarnados perturbados e não o diabo!) é porque nós assim o desejamos, e não por termos sido "forçados". Somos aquilo que pensamos! Somos aquilo que sentimos! Somos aquilo que sonhamos! A autocrítica deve ser nossa irmã muito próxima, para nos libertarmos da tendência milenar de apontar o semelhante e suas limitações. Por isso, recordemos: “quem estiver sem pecado, que atire a primeira pedra”. Saudações fraternas a todos.

ARTIGO 4

ESPIRITUALISMO ECUMÊNICO

Escrito originalmente em 16 de julho de 2006, e revisado em 09 de abril de 2011.

Inicialmente gostaríamos de lembrar um conceito para Espiritualismo, de forma a delinear melhor a abrangência deste artigo: "doutrina que admite, quer quanto aos fenômenos naturais, quer quanto aos valores morais, a independência e o primado do espírito com relação às coisas materiais, afirmando que os primeiros constituem manifestações de forças anímicas ou vitais, e os segundos criações de um ser superior ou de um poder natural e eterno, inerente ao homem"⁽¹⁾. Em seguida, apresentamos um conceito clássico do que é Ecumênico: é um adjetivo que significa "universal" ou "diz-se do crente que manifesta disposição à convivência e diálogo com outras confissões religiosas"⁽²⁾. Como nós acreditamos que o Espiritualismo Ecumênico é um ótimo caminho para que o mundo seja mais harmônico, resolvemos desenvolver alguns argumentos a favor.

Caros amigos, como seria bom se a busca de Deus, ou do Divino em nós, fosse realizada em bases mais solidárias! Infelizmente, desde milênios atrás neste mundo, se mata em nome de Deus. Quando não tanto, se repudia o semelhante porque ele não pertence a nossa agremiação religiosa ou porque tem compreensões diferentes acerca da Espiritualidade, da vida e da morte. Isto tudo é fruto da infantilidade espiritual que ainda predomina neste planeta. Como podemos afirmar com intensidade quase profética, que detemos a Verdade ou que a nossa religião é aquela onde se cultua o Deus Verdadeiro? Estamos todos engatinhando na trilha da evolução espiritual, e, por isso, seria muito mais proveitoso aprendermos uns com os outros. Deus (ou o Todo), nos seus infinitos Amor, Inteligência e Justiça, jamais teria preferências. Senão, Ele não seria equânime. Por isso, a natureza, que é uma extensão da Divindade ou do Absoluto, doa indistintamente a sua energia e seus frutos a materialistas tanto quanto a espiritualistas de diversas vertentes. As leis universais estão aí para todos! Qualquer indivíduo, autoconsciente ou não, está sujeito às leis que regem a matéria e às leis que regem o chamado Mundo Espiritual.

Raciocinemos! A criação/manifestação de Deus é o próprio universo nos seus aspectos macro e microcósmicos, o que inclui, obviamente, a nós. Percebamos quanta diversidade e quantas complexidades! Daí, só podemos concluir que Deus é praticamente impossível de se avaliar. Quem pode definir quem ou o quê é Deus? Quantos nomes existem para Deus? Ora, se as religiões têm por objetivo conhecer, cultuar, aprender, conectar-se com a Divindade Suprema, e percebemos com facilidade o quanto Ela é complexa e insondável, por quê os sacerdotes de diversos tipos afirmam com tanta certeza, que a religião A, B ou C é aquela que segue o verdadeiro Senhor? Precisamos com urgência, todos nós, exercitarmos a humildade. Estamos trilhando um caminho, Tateando às escuras, tentando ainda vivenciar apenas algumas leis espirituais básicas. Nenhum de nós pode bater no peito e declarar: eu pratico a correta e única religião, e sigo ao verdadeiro Pai! Isto é

somente uma manifestação inocente, de quem está dando os primeiros passos na busca de uma união com o Divino.

O Mestre Jesus nos deu várias dicas excelentes para uma forte e contínua espiritualização. Quando declarou que toda a lei e os profetas dependiam dos mandamentos “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22: 35-40), firmou princípios gerais para qualquer doutrina religiosa teísta e, ao mesmo tempo, apresentou um rumo seguro para a convivência harmônica entre os mais variados agrupamentos. Quando Jesus confirmou que nós, seres humanos, somos deuses (João 10: 23-39), Ele apontou para o poder criativo inerente as nossas essências divinas, deixando claro que o principal caminho religioso é o interno. Portanto, podemos concluir que toda religião instituída é válida como forma de se buscar a Deus, embora o mais importante seja a busca interior! O fundamental é nos esforçarmos para alcançar um patamar de união com as forças cósmicas, de maneira que possamos afirmar/sentir um dia: “Eu e o Pai somos Um” (João 10: 30).

Assim compreendemos que, sobretudo por estarmos ainda numa fase primária de aprendizado espiritual, devemos respeitar o semelhante e sua escolha religiosa, porque a maioria de nós não detém profundos conhecimentos e experiência na Espiritualidade. Desta forma, cada um de nós sempre tem algo a aprender ou algo a ensinar. Isto se reflete nas tantas religiões, doutrinas e filosofias do nosso planeta. Todas têm algo a ensinar e a aprender umas com as outras.

Quem se dispuser a um aprendizado sincero, sem preconceitos quanto à origem dos ensinamentos espirituais, provavelmente atingirá mais rapidamente estados de consciência superiores, dando passos largos na direção da união com Deus (ou o Todo). É o que desejo para todos que estão lendo este artigo, mesmo para aqueles que discordarem desses argumentos. Apesar das diferenças, estamos no mesmo barco! Deve haver um motivo importante para isso! Reflitamos! Saudações fraternais.

Fontes bibliográficas consultadas:

(1) Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1999. 3ª edição.

(2) Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1986. 2ª edição.

ARTIGO 5

UNIVERSALISMO

Escrito em 11 de março de 2009.

Universalismo é a compreensão de que todas as religiões e filosofias contêm uma parcela da Verdade Cósmica. Ser universalista não é algo fácil, exigindo um exercício constante de tolerância e discernimento. Talvez uma boa forma de se iniciar uma caminhada espiritualista universalista, seja observar atentamente os pontos em comum entre as diferentes visões da vida, deixando de lado as controvérsias. A partir disso, será possível começar a vislumbrar a presença da Inteligência Universal por trás do pensamento religioso/filosófico de todas as culturas, sejam elas de caráter monoteísta ou politeísta, dualista ou monista, materialista ou espiritualista, empírico ou científico etc. Com certeza, há fundamentos em comum para as diversas formas de enxergar o mundo, mas também, e talvez sobretudo, há complementariedades. Não necessariamente duas visões diferentes sobre um mesmo assunto são contrárias! Mas, como essas visões provêm de ângulos diferentes, na realidade, se complementam. Para exemplificar esta questão, é interessante recordar uma velha história hindu, que passo a relatar em seguida.

Numa cidade da Índia viviam sete cegos, que tinham alguma sabedoria. Como os seus conselhos eram quase sempre muito úteis, todas as pessoas que tinham problemas recorriam à ajuda deles. Eram amigos, mas havia uma certa rivalidade entre eles, o que, de vez em quando, causava uma discussão sobre qual seria o mais sábio. Em certa oportunidade, depois de muito conversarem acerca da Grande Verdade da Vida, não chegaram a um acordo. O sétimo cego ficou muito contrariado, resolvendo morar sozinho numa caverna de montanha. Antes de ir embora, falou aos demais: “- somos cegos para que possamos ouvir e entender melhor, o que as outras pessoas não alcançam. Em vez de aconselhar aos necessitados, vocês ficam aí discutindo, como se quisessem vencer uma competição. Não concordo com isso! Vou-me embora!” Sete meses depois, chegou à cidade um homem montado num enorme elefante. Os cegos, que nunca haviam tocado num paquiderme, foram para a rua ao encontro dele. O primeiro apalpou a barriga do animal, declarando: “- trata-se de um ser gigantesco e fortíssimo! Posso tocar nos seus músculos e não se movem, parecendo paredes!” Mas o segundo cego, tocando nas presas do elefante, afirmou: “- que bobagem! Este animal é pontudo como uma lança, uma verdadeira arma de guerra!” Então, alguém falou: “- ambos se enganam!” Era o terceiro cego, que apertava a tromba do elefante. E acrescentou: “- este animal é idêntico a uma serpente! Contudo não morde, porque é desdentado. É como uma cobra mansa e macia.” Em seguida, bradou o quinto cego, logo após mexer nas orelhas do elefante: “- vocês estão loucos! Este animal não se parece com nenhum outro, pois os seus movimentos são ondulatórios, como se o seu corpo fosse uma cortina.” Na seqüência o sexto cego, tocando a pequena cauda do elefante, concluiu: “- todos vocês estão completamente errados! Este animal é como uma rocha com uma corda presa no corpo. O que há com vocês?” E assim ficaram, por longos

minutos, debatendo aos gritos. Então o sétimo cego, que descera a montanha procurando víveres, apareceu conduzido por uma criança. Ouvindo a discussão, solicitou que o menino desenhasse, na terra macia, a figura do elefante. Após tocar cuidadosamente os contornos do desenho, percebeu que todos os seis cegos estavam certos parcialmente, mas, ao mesmo tempo, bastante enganados. Agradeceu ao garoto e atestou: “- é assim que os homens se comportam perante a Verdade. Mal tocam numa parte e já pensam que é o Todo!” A seguir, se afastou de seus antigos companheiros, entendendo que eles continuavam sem enxergar...

Portanto a verdade científica, a espírita, a budista, a judaica, a muçulmana, a católica, dentre outras verdades, são complementares, já que nenhuma religião ou filosofia de vida poderá, a seu modo particular, captar completamente o Todo ou Deus. Por isso, não é tão difícil concluir que uma visão mais universalista/ecumênica do mundo, tem a possibilidade de maiores aprendizados. No entanto, isto não quer dizer que as pessoas devam deixar suas práticas religiosas de lado, nem passar a ter preconceitos com relação àqueles que se dediquem, de forma mais exclusiva, a uma religião de sua preferência. Ao contrário, um universalista pode ter uma religião específica, mas, o que o diferencia de pessoas ortodoxas, é a flexibilidade de pensamento e a humildade, pois, apesar de preferir uma forma de culto, reconhece que Deus está em todos os lugares e corações humanos. A Divindade ou Inteligência Universal é infinita e manifesta-se por múltiplas maneiras. O espiritualista universalista verdadeiro entende que, por trás de qualquer forma, há uma Essência.

Mas, qual ou quais as vantagens práticas do Universalismo? A princípio, pelo menos, há dois grandes benefícios em se manter uma postura universalista perante a vida. Um deles, que já foi comentado, é a possibilidade de novos aprendizados, já que a falta de preconceito quanto a outras filosofias e religiões, permite o exame isento de outros pontos de vista. E isto é algo extremamente lógico, pois não é nada inteligente desprezar o que outras pessoas conseguiram através de estudos (científicos ou não), meditações e práticas diversas, muitas vezes por inúmeros anos de dedicação. Por que segregar tradições filosóficas, religiosas ou esotéricas seculares? Será que estas tradições não possuem conhecimentos que nos podem ser úteis no dia a dia? Será que não desenvolveram algum tipo de sabedoria? Além disso é importante salientar que, numa determinada tradição, mesmo que hajam conceitos que não se adequem a nossa vida, não é por isso que devemos concluir que o seu conjunto de ideias seja imprestável. É importante usar um “olho clínico” ou uma “visão interna”, para discernir o que é útil de fato (é claro que isso é pessoal). E quanto aos aparentes “erros” ou “distorções”, por que não aprender com as “falhas” dos outros? Simplesmente jogar fora a experiência de nossos semelhantes é um ato de arrogância e inteligência limitada.

O segundo claro benefício de uma postura universalista, é o desenvolvimento de

tolerância quanto aos outros pontos de vista. Obviamente, um espiritualista universalista provavelmente contribuirá para uma convivência mais harmônica, na sociedade humana. No entanto, é relevante voltar a frisar, que praticar o Universalismo de fato, não é algo simples ou trivial. É preciso se despojar de ideias preconcebidas e dogmas, mantendo constantemente uma mente aberta a novas possibilidades, e, entendendo que, um ponto de vista diferente não necessariamente derrubará a estrutura de compreensão que temos do mundo, mas sim que poderá agregar algum valor novo, complementando o que já sabíamos. Em outras palavras, não é preciso encarar ideias novas ou diferentes como ameaças. Paz a todos.

ARTIGO 6

A LEI DA ATRAÇÃO E A REENCARNAÇÃO

Escrito originalmente em 15 de junho de 2009, e revisado em 21 de abril de 2011.

O objetivo principal deste artigo é analisar alguns aspectos do que tem sido propagado sobre a Lei da Atração, porém sob o ponto de vista reencarnacionista.

A Lei da Atração, em termos resumidos, é tudo aquilo que um indivíduo atrai para si, conforme a energia que emite para o universo, através de seus pensamentos e sentimentos. Ou seja, aquilo que deseja e/ou crê, seja positivo ou negativo para si, o universo acaba por lhe fornecer. Desta maneira, vários livros e outras formas de divulgação têm apresentado uma visão interessante, de como nós, seres humanos, nos relacionamos com o cosmos, desde o nível “micro” até o nível “macro”. Assim podemos atrair doença ou saúde, alegria ou tristeza, pobreza ou prosperidade etc. Portanto, a partir de uma conscientização do indivíduo, sobre o que está emitindo, e com posterior transformação de sentimentos e pensamentos inadequados, passando a canalizar de forma positiva suas energias, poderá ter muito mais sucesso e felicidade. Contudo, será que este mecanismo de comunicação/resposta com o cosmos é realmente tão simples assim? Se for considerado que a alma se forma junto com o corpo nascente, a Lei da Atração, como vem sendo veiculada, teria maior sentido. No entanto, há inúmeras evidências da Reencarnação como lei natural da vida. Não se discorrerá aqui sobre essas evidências, pois isto não faz parte do escopo deste artigo. Apenas consideraremos a ocorrência conjunta da Lei da Atração e da Lei da Reencarnação.

Ao delinear o quadro principal da presente discussão, é impossível não agregar um outro mecanismo de funcionamento da vida, que é a Lei de Ação e Reação, estreitamente vinculada à Lei da Reencarnação. Muito brevemente deixaremos definições sobre essas duas leis, para aqueles que, porventura, desconheçam-nas por completo. Assim, de forma simplista, pode-se afirmar que a Lei de Reencarnação existe, em decorrência da necessidade dos espíritos de retornarem à carne, após cada vida material, para continuarem seus aprendizados evolutivos. Já a Lei de Ação e Reação, em termos gerais, é um mecanismo universal de reequilíbrio para os seres que praticam atos de forma egoísta, desrespeitando a regra do “fazer aos outros somente o que gostaria de receber”. Agora sim, poderão ser desenvolvidos alguns raciocínios sobre a efetividade da Lei da Atração, em face dessas outras normas da vida.

Então, inicialmente, fazemos a seguinte pergunta: será que alguém, ao desejar trocar sua vida de insucessos, por uma forma de viver próspera, conseguirá esta realização utilizando-se dos procedimentos indicados pelos divulgadores da Lei da Atração (vide o documentário “O Segredo” e literatura correlata)? Será que basta trocar de crença interna (negativismo para positivismo), associando-se a técnicas de visualização e a um saber esperar sem ansiedade, para ter sucesso? Entendemos que isso é bom e gera uma predisposição positiva, possibilitando maiores chances de êxito, sobretudo se o indivíduo trabalhar e dedicar-se a sua meta. No entanto, há quantas vidas

pretéritas (encarnações antigas) esta pessoa vem pensando e sentindo de forma negativa e, além disso, tendo prejudicado outros indivíduos no passado? Será que a criatura que erra há milênios dará, no espaço de poucos anos de uma vida, um grande salto de qualidade, porque passou a acreditar que basta compreender e agir, isoladamente, conforme os postulados da Lei da Atração? Entendemos que não, primeiramente porque para se realizar uma mudança profunda, o desejo tem que partir do âmago do indivíduo, e não apenas através de um desejo superficial de melhorar financeiramente, de ter uma namorada etc. Qualquer mudança real e duradoura, numa pessoa, depende muito do seu esforço por autoconhecimento. Entendemos que o autoconhecimento é a base fundamental para uma transformação definitiva. Isto é assim, a nosso ver, porque a personalidade em manifestação de uma pessoa depende, em grande parte, daquilo que está no seu inconsciente. Para aqueles que estudam a psique humana, é fator chave o entendimento de que os conteúdos do inconsciente influenciam bastante no comportamento de qualquer pessoa. Sobretudo para os estudiosos da psique humana, que são reencarnacionistas, fica mais evidente ainda que o inconsciente é determinante da personalidade atual de um indivíduo, pois o que está no seu inconsciente é o somatório de experiências de dezenas de vidas passadas. Ou seja, o que somos hoje é resultado de tudo o que fomos ontem (obviamente também somando-se às experiências adquiridas na vida presente). Quem já teve oportunidade de acessar suas vidas pretéritas, através dos diversos métodos de regressão terapêutica existentes, pôde compreender que o seu modo de ser atual tem muita similaridade com vivências antigas (repetição de padrões). Pôde concluir também, com relativa facilidade, que o seu desenvolvimento evolutivo é bastante lento. Assim, não é difícil entender que o autoconhecimento é primordial para a conscientização dos próprios mecanismos mentais e emocionais, e esta conscientização é que possibilitará uma mudança efetiva numa pessoa. Aí sim, este ser estará preparado para vibrar em melhor frequência e atrair algo melhor para si. Enquanto este trabalho de autoconhecimento e transformação interior não estiver sendo, realmente, realizado por uma pessoa, ela não poderá mudar de fato. Então, este indivíduo estará bastante sujeito aos efeitos da Lei de Ação e Reação! Vamos a uma exemplificação!

Se um determinado espírito têm reencarnado há quatro ou cinco vidas e, sempre quando se vê em situação de limitação financeira, procura solucionar este problema através da desonestidade, ele ainda não aprendeu a respeitar o seu semelhante. Então, por quê este espírito, na sua vida atual, tendo contato com os ensinamentos veiculados sobre a Lei da Atração, terá sucesso financeiro duradouro sem antes ter aprendido uma tão simples lição cósmica, que é a de ser honesto para com o seu semelhante? Será que o simples e persistente uso dos procedimentos divulgados sobre a Lei da Atração resolverá o seu problema material? Será que antes disso, este espírito, agora

reencarnado, não precisa testar as suas forças internas, resistindo ao impulso de lesar o seu semelhante materialmente? Acreditamos que sim, porque quem já errou sistematicamente em algum campo da vida, naturalmente colhe os frutos amargos de um mal proceder, ou melhor, de uma “lição não assimilada” (Lei de Ação e Reação). Então, alguns argumentariam neste momento: “isto parece ser um mero castigo de Deus, e ele não é assim!” Concordamos, pois não temos uma visão antropomórfica sobre a Inteligência Superior, a que muitos chamam Deus. Acrescentamos, também, que a Divindade transcende às dualidades humanas de “certo X errado”, “bem X mal” etc. No entanto, cremos firmemente que o equilíbrio do universo depende da Lei de Ação e Reação, de uma forma ampla e, portanto, alguém que tenha errado repetidamente, naturalmente não se beneficiará do que há de bom na vida, sem antes ter assimilado o mínimo para tal. É assim que o mundo manifestado caminha em equilíbrio, apesar do aparente caos. Em termos gerais, acreditamos que o propósito da vida é atingir níveis cada vez mais profundos de Harmonia. Assim, o que chamamos de Harmonia, seria a resultante da junção do Amor com a Justiça (ou Ordem). Então, voltando à Lei da Atração, Lei da Reencarnação e Lei de Ação e Reação, entendemos que estas leis são diretrizes de como a Justiça (Ordem) se faz presente no mundo, e, portanto, não são divergentes, mas complementares! Além das leis mencionadas, objetos desse artigo, existem outras que contribuem para o equilíbrio universal. Inclusive, cremos que existam leis das quais ainda não temos consciência. Somos, ainda, meros aprendizes!

Retornando à questão do uso da Lei da Atração, conforme vem sendo veiculado, afirmamos que não estamos aqui numa tentativa de combater estas ideias, mas sim na intenção de evitar distorções, causadas pela pressa e por interesses diversos. Já praticamos por um tempo a Lei da Atração, de acordo com a literatura recente, e obtivemos bons resultados, mas não na integralidade. Ao nos questionarmos internamente e fazermos uma pesquisa no campo do autoconhecimento, constatamos que a Lei da Atração funciona bem, até o ponto que não interfira no aprendizado espiritual do ser que está encarnado. Afirmamos isso, pois temos praticado a Psicoterapia Reencarnacionista (vide www.portalabpr.org), onde, através da observação e análise de muitas regressões a vidas passadas, notamos que as pessoas justamente não são felizes por terem cometido atos desarmônicos no pretérito, e ainda não terem transformado os sentimentos e pensamentos que provocam a desarmonia. É preciso, portanto, para a Lei de Atração funcionar de forma mais plena, modificar antigas tendências negativas (repetição de velhos padrões) e trazer uma nova significação para a própria vida. Em outras palavras, apenas utilizando-se a Lei da Atração como um “programa fechado” de ideias e procedimentos, não é possível atingir “cirurgicamente” as causas internas de desarmonia. É preciso, antes, fazer esta “viagem para dentro” com forte

disposição de mudança, até porque repetindo-se os velhos padrões inadequados não se estará sendo sincero o suficiente, para realizar com qualidade a Lei da Atração. Saudações a todos.

ARTIGO 7

REENCARNAÇÃO E CIÊNCIA: ALGUNS ASPECTOS

Escrito em 16 de junho de 2009.

A comprovação científica para a reencarnação é, de certa forma, tão difícil quanto a comprovação da vida após a morte física. Até o momento, não é possível atender a todos os postulados científicos, num sentido restrito. Contudo, será que o método cartesiano/mecanicista se aplica de forma bem ajustada a experimentações psíquicas e/ou espirituais? Tranquilamente, é possível afirmar que não. O método científico tem suas limitações para alguns campos do conhecimento. Por exemplo, ainda não há equipamentos aceitos pela ciência tradicional para a mensuração das chamadas “bioenergias” (empregadas em diversas atividades de cura espiritual), embora alguns esforços envidados por pesquisadores pioneiros. O preconceito da ciência instituída é forte obstáculo para o estudo sistemático de tudo aquilo que foge aos padrões materialistas, mas este preconceito ainda tem grande força na maioria dos países. No entanto, já é possível notar cientistas com nova mentalidade, que compreendem o universo de maneira mais ampla e integrada, deixando em segundo plano a velha visão estritamente mecanicista do mundo. Assim, a questão da reencarnação vem ganhando relevância no meio acadêmico e, aos poucos, está deixando o *status* de crença religiosa ou mística, passando a ser uma hipótese científica digna de ser pesquisada. A seguir, serão apresentados brevemente alguns estudos relevantes sobre este tema, embora sejam apenas uma limitada amostra do que já foi feito neste sentido.

Em 1966, Stevenson⁽¹⁾, da Universidade de Virginia/EUA, publicou o estudo “20 casos sugestivos de reencarnação”, que foi realizado através de investigação exaustiva e metódica de ocorrências naturais de reencarnação (recordações espontâneas) em diversos países. Após ter investigado pessoalmente cerca de 1/3 dos 600 casos catalogados, à época, Stevenson resolveu publicar uma amostra de 20 casos dos mais variados tipos, desde os que estavam muito bem embasados e documentados, até os casos com menor grau de sustentabilidade.

No ano de 1970, o trabalho de Muller⁽²⁾, diplomado como Doutor em Ciências Técnicas em Zurique/Suíça, veio a lume com o título “Reencarnação baseada em fatos”. Nesta obra, o autor discutiu intensivamente os casos de reencarnação registrados na literatura da época, conjuntamente com cerca de 700 casos que foram objeto de seu estudo particular. O Dr. Muller investigou as memórias de crianças; memórias de adultos; estudos experimentais (baseados principalmente em hipnose); sensitivos e místicos; evidências a partir do Espiritismo moderno; e o que chamou de “provas conjuntas”. Ao final do seu livro, o autor afirma: ***“fazendo um balanço geral das diversas classificações apresentadas, verificamos a existência de seis grupos principais e mais de 25 subgrupos. A maioria dos incidentes é de caráter espontâneo, todavia, dispomos de vários métodos de pesquisa, como a regressão da memória, a investigação através de médiuns e os experimentos realizados pelos próprios sensitivos. Os relatos demonstram enorme diversidade,***

entretanto, são todos interligados e formam, na verdade, um sistema coerente, uma rede de evidências. Podemos, em princípio, afirmar que todos já viveram na Terra anteriormente, e que a memória de uma ou mais vidas prévias está oculta na estrutura psíquica do subconsciente”.

Em 1979, o Dr. Banerjee⁽³⁾, da Universidade de Jaipur/Índia, apresentou ao grande público aspectos de seus estudos que perduravam por mais de 25 anos, acumulando mais de 1100 casos investigados de reencarnação, em todo o mundo. A sua pesquisa, bem como a dos estudiosos citados acima, foram baseadas em rigorosos métodos, e não consideraram a reencarnação como hipótese única para a explicação dos casos, mas também a possibilidade de fraude, percepção extrassensorial etc. O Dr. Banerjee concluiu que a personalidade humana é composta por aspectos físicos e psíquicos, acrescentando que a parte física é destruída com a morte da pessoa, mas a psíquica, de algum modo sobrevive, podendo se expressar na forma de lembranças de uma ou várias vidas passadas. Ele ainda declara, ao final do prefácio do livro, que tem a convicção de que vivemos anteriormente e de que tornaremos a viver no futuro.

Já a Dra. Helen Wambach, psicóloga norte-americana citada por Silva⁽⁴⁾, utilizou a hipnose clássica para encontrar alguma prova que confirmasse memórias de vidas passadas. Sua pesquisa teve duas etapas, onde, na primeira, teve 800 sujeitos (28% de mulheres), e na segunda, tinha 300 sujeitos (55% de mulheres). No primeiro grupo, constatou-se que em vida passada, a proporção entre o sexo masculino e feminino declarados, sob transe, foi de 50,3% de homens e 49,7% de mulheres. No segundo grupo, a proporção encontrada em vida anterior, também sob transe, foi de 50,9% de homens e 49,1% de mulheres. Estes resultados são os que a Dra. Wambach considera como “a prova objetiva mais robusta” de que os sujeitos realmente regrediram a vidas passadas, já que a divisão de indivíduos entre os sexos masculino e feminino acompanhou o fato biológico da espécie humana, que apresenta normalmente porcentagens semelhantes para ambos.

Mais recentemente, o pesquisador Jim B. Tucker, da Universidade de Virginia/EUA, têm realizado investigações sérias sobre reencarnação, através da memória espontânea de crianças, seguindo os passos do Dr. Ian Stevenson. Alguns vídeos sobre o trabalho de Jim B. Tucker podem ser encontrados facilmente no www.youtube.com.

Além das pesquisas mencionadas, muitos outros pesquisadores estudaram seriamente a questão da reencarnação, através de métodos variados. De posse da já vasta literatura sobre o assunto, é possível afirmar que há evidências suficientes para compreender que a reencarnação é um fenômeno natural. No entanto, prefiro finalizar este artigo com a opinião de Goswami⁽⁵⁾, professor titular da Universidade de Oregon/EUA, Ph.D em Física Quântica, respondendo à seguinte pergunta: as ideias de reencarnação e de sobrevivência à morte são científicas? E ele respondeu:

“décadas atrás, a resposta teria sido um sonoro “não”, mas, hoje, não é bem assim. Um dos principais motivos é a existência de bons dados. Referi-me antes a dados relativos a memórias reencarnatórias espontâneas. Muitos desses dados, com alguns de seus aspectos já estudados, tratam de crianças que se recordam de vidas passadas. Foram obtidos muitos outros dados nas chamadas regressões a vidas passadas: sob hipnose, trauma, drogas ou técnicas especiais, as pessoas parecem recordar incidentes de outras vidas. E muitas das lembranças trazidas à tona foram corroboradas. Em muitos dos casos, a possibilidade de fraude foi eliminada”.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE

Este artigo foi escrito com base num capítulo do *e-book* “Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso”, que pode ser baixado gratuitamente aqui neste site.

Fontes bibliográficas consultadas:

- (1) Stevenson, I. 20 casos sugestivos de reencarnação, São Paulo. Editora Difusora Cultural, 1971. 520p.
- (2) Muller, K. E. Reencarnação baseada em fatos, São Paulo. Edicel, 1978. 298 p.
- (3) Banerjee, H. N. Vida pretérita e futura. Um impressionante estudo sobre reencarnação, São Paulo. Nórdica, sem data. 119 p.
- (4) Silva, D. B. T. Terapia das vidas passadas: reencarnação e ciência. In: Psicoterapias e estados de transe, p.187-216, São Paulo. Summus Editorial, 1985. 239 p.
- (5) Goswami, A. A física da alma. A explicação científica para a reencarnação, a imortalidade e experiências de quase morte, São Paulo. Editora Aleph, 2005. 316 p.

ARTIGO 8

ANIMISMO E MEDIUNIDADE

Escrito em 08 de dezembro de 2009.

1- CONSIDERAÇÕES GERAIS

Inicialmente, gostaria de comentar o próprio título deste artigo “Animismo e Mediunidade”. Pus, propositadamente, o termo “animismo” em primeiro lugar, porque sem o fator anímico não há mediunidade. Mas, para esclarecer melhor, é importante conceituar ambos termos. Quanto ao animismo, utilizando-me de uma definição clássica, é a “teoria filosófica que considera a alma como causa primária de todos os fatos intelectuais e vitais”⁽¹⁾, ou seja, é a alma do próprio indivíduo que origina os fenômenos que se materializam. “Alma” é um termo que deriva do Latim *anīma*, que, por sua vez, refere-se ao princípio que dá movimento ao que é vivo, o que é animado ou o que faz mover (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alma>). Sobre mediunidade, no Livro dos Médiuns⁽²⁾ consta que a palavra “médium” vem do Latim (*medium*), significando “meio” ou “intermediário”, ou seja, médium é pessoa que pode servir de intermediária entre os dois planos da vida, isto é, entre os espíritos e os homens. Conforme Gerardo M. Ney⁽³⁾, mediunidade é a faculdade dos médiuns ou sensitivos de serem “meio” aos fenômenos paranormais. De acordo com L. Palhano Júnior⁽⁴⁾, mediunidade é a faculdade que têm as pessoas (médiuns), em maior ou menor grau, de receber comunicações ou perceber os espíritos ou o Mundo Espiritual.

Portanto, em linhas gerais, animismo é o conjunto de manifestações que vêm da alma do indivíduo. Em outras palavras, são os fenômenos provocados pelo próprio psiquismo da pessoa, sem a participação de qualquer outra entidade ou consciência externa. Assim, por exemplo, alguém que esteja emocionalmente alterado por forte estresse, pode, de repente, ter uma reação muito agressiva, devido a um afloramento de uma característica de sua personalidade. Ou seja, isto constituiu-se, pelo menos em tese, numa exclusiva ação anímica. Um outro exemplo de animismo, é o caso de alguém que escreve algo sem a participação de nenhum desencarnado ou qualquer consciência externa, usando somente os atributos de sua psique (“psiquê” é palavra grega que significa alma - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Psiqu%C3%AA>). Assim, o que este indivíduo grafou, provêm de sua própria alma e, por isso, é um processo puramente anímico, ao menos em teoria.

Quanto à mediunidade, um exemplo típico de atividade mediúnica é a psicografia, que ocorre quando o médium é utilizado por outra consciência, que expressa suas idéias pelas mãos do sensitivo, através da escrita. Citando também o exemplo da psicofonia, chamada por alguns de “incorporação”, nela a entidade comunicante utiliza o encarnado como intermediário, para expressar seus pensamentos através da fala.

Bom, voltando ao que eu dizia no primeiro parágrafo, o termo “animismo” vem à frente do termo “mediunidade” no título do presente artigo, porque, na realidade, qualquer mecanismo mediúnico só ocorre através do aparato biopsíquico do médium. E neste aparato inclui-se

certamente a psique do médium, ou seja, uma consciência comunicante externa só se manifesta através do sensitivo, ao sintonizar-se com a alma deste, isto é, por meio das potencialidades anímicas do médium. Portanto, não há mediunidade sem algum grau de animismo, mesmo nos chamados médiuns inconscientes (aqueles que perdem a lucidez durante o processo mediúnico).

Por outro lado, questiono também se há um “animismo puro”. Alguém que escreve algo, mesmo obras científicas, materializa os conhecimentos apenas através de sua mente? Quem garante que uma parte do que o cientista escreveu não teve, ao menos, uma influência de algum ser incorpóreo, pela via intuitiva? Quantos escritores, alguns cientistas e outros não, revelam que suas ideias surgiram através de inspirações súbitas, sonhos, ou fatores/acontecimentos aparentemente ao acaso? Para quem já tem um mínimo de sensibilidade desenvolvida, não é difícil concluir que há uma inter-relação bastante intensa, entre o Mundo Material e o chamado “Mundo Espiritual”. A comunicação entre diferentes dimensões é constante, embora muitas vezes sutil. Portanto afirmo que, assim como não há mediunidade sem animismo, não há animismo sem mediunidade.

Desta forma, passo a discorrer sobre como se mesclam o animismo e a mediunidade, detalhando alguns aspectos da inter-relação entre ambos. Não tenciono, aqui, fazer um estudo muito aprofundado, mas apenas trazer alguns esclarecimentos a quem não pôde investigar a questão, um pouco mais detidamente.

1.1- A influência do consciente do médium

Tudo o que o médium (ou sensitivo) leu, estudou, vivenciou dentro da sua estrutura familiar e, além disso, o ambiente cultural onde se desenvolveu como ser humano, influencia na sua atividade mediúnica. Ou seja, tudo o que está na sua mente consciente permeará a sua produção mediúnica. Não há como separar o que o médium é, do que ele produz, por mais profunda que seja a sua habilidade parapsíquica. É claro que, quanto maior a profundidade de um transe mediúnico, menor será a influência do consciente do sensitivo, por exemplo, no que é transmitido pela fala (psicofonia) ou no que ele expressa por meio da escrita (psicografia).

Passemos, agora, a exemplificações sobre como o consciente do médium interage com sua produção mediúnica. No caso de alguém que psicografa, se este for uma pessoa culta, haverá uma tendência a que os escritos que faça, sejam com uma linguagem também culta, ou, pelo menos, que seja algo claro e conciso, mesmo que a entidade comunicante não tenha boa “escolaridade” prévia. Numa outra situação, onde o médium tenha crescido num ambiente de forte cultura cristã, obviamente que as mensagens que surgirem através dele, tenderão a expressar conteúdos cristãos,

até mesmo nas oportunidades em que estiver sob influência de consciência espiritual não ligada ao Cristianismo. Por outro lado, se o sensitivo tem afeição por alguma religião oriental, e tenha lido e/ou estudado sobre o tema por muitos anos, mesmo que venha a canalizar uma mensagem de entidade espiritual cristã, poderá dar um cunho ou “formatação” mais ou menos “oriental” à mensagem. Volto a lembrar, contudo, que a intensidade como o consciente do médium interfere na comunicação mediúnica, dependerá da profundidade de sua habilidade sensitiva. Porém, como compreende-se que sempre há alguma participação da psique do médium (animismo) no fenômeno, é claro que alguma influência dele, sobre a obra, ocorrerá.

1.2- A influência do inconsciente do médium

Outra fonte de influência pelo psiquismo do médium (animismo), em alguma tarefa mediúnica, é através do chamado “inconsciente” do indivíduo. Na mente inconsciente está tudo o que foi reprimido ou esquecido pela pessoa, com relação a fatos, sentimentos e pensamentos que teve na sua vida atual. Também estão em nível inconsciente as memórias de vidas passadas, as lembranças do denominado “período intermissivo” (intervalo de tempo vivido fora da matéria, entre encarnações diferentes), e tudo aquilo que o indivíduo experimentou fora do corpo, durante as viagens astrais, também conhecidas como “experiências extrafísicas”. Assim, o que está no inconsciente de um sensitivo, poderá, sem dúvida, mesclar-se aos conteúdos mediúnicos transmitidos. Um bom exemplo desta situação, é o que ocorre com um médium que recebe entidades em desequilíbrio. Este médium, supondo que numa vida anterior tenha morrido sufocado, ao dar passividade a diversos tipos de entidades perturbadas, pode, inúmeras vezes, ter a sensação de sufocamento ao “incorporar” seres sofredores, pois de seu inconsciente afloram as percepções desagradáveis por este tipo de morte. Ou seja, mesmo que os espíritos carentes de ajuda, que o médium recebe, não guardem sensação de sufocamento, o sensitivo apresenta este “sintoma” animicamente. Neste caso, seria importante o médium tratar esta questão traumática de seu passado, em benefício próprio, e também para evitar reproduzir um animismo totalmente desnecessário, na situação mediúnica colocada. Não vou me estender aqui, em exemplos de como o inconsciente do médium pode alterar uma mensagem mediúnica, pois as possibilidades são muitas, e não fazem parte do escopo deste artigo. No entanto, é relevante assinalar que o animismo pode ser útil no processo mediúnico, se o que provêm do inconsciente do sensitivo é algo construtivo. Neste caso, as forças anímicas do indivíduo se juntarão aos conteúdos emitidos pela entidade comunicante, de forma a se atingir um objetivo positivo.

1.3- A sintonia entre médium e entidade

Para haver um trabalho mediúnico de qualidade, é fundamental uma boa sintonia vibratória entre o sensitivo e a entidade comunicante. É claro que, ao longo da vida do médium, este passa por flutuações no seu estado emocional, o que interfere numa boa sintonia com os guias espirituais. Ou seja, os fatores anímicos afetam a conexão com entidades que desejam comunicar-se. Assim, a falta de uma certa constância do sensitivo, pode alterar um tanto o conteúdo das mensagens passadas por uma mesma entidade, ao longo do tempo. Nos períodos de conexão mais frágil com o mentor, o ideal é não trabalhar mediunicamente, buscando, antes, o reequilíbrio. Porém, este problema pode ser minimizado, caso o médium tenha conteúdos anímicos de qualidade, o que poderá permear o seu trabalho mediúnico, de uma forma construtiva.

Por outro lado, é comum o sensitivo ter ligações espirituais com mais de uma entidade, que possuem tarefas de transmissão mediúnica. Assim, as flutuações de estado psíquico-emocional do médium, de certa forma poderão ser úteis, já que este, apresentando períodos com padrões variados, propiciará oportunidade à comunicação de entidades com vibrações diferenciadas (conforme a maior afinidade do momento). Neste contexto, é importante ressaltar que cada instrutor espiritual tem a sua função e utilidade, na diversidade da vida.

É relevante salientar, também, que o desenvolvimento mediúnico de alguém, passa pela questão do seu crescimento como ser humano, em busca de um equilíbrio maior. Isto ocorre concomitantemente ao aumento de afinidade pelas entidades, com quem possui tarefas mediúnicas pré-programadas. Portanto, o desenvolvimento mediúnico deve ocorrer junto com a evolução anímica, sendo ambas questões, promotoras de uma boa sintonia com os espíritos comunicantes. Assim, um médium que estude bastante, que não tenha preconceitos e que busque constante autoconhecimento, provavelmente não será somente um “instrumento” útil para as entidades, mas também um bom cooperador nos trabalhos mediúnicos.

2- A OBRA MEDIÚNICO-LITERÁRIA

Aqui, chegamos num ponto de questionamento sobre como avaliar a obra mediúnica de um sensitivo. Em face das diversas variáveis que interferem nas habilidades anímico-mediúnicas de alguém, como compreender uma determinada obra mediúnica? A seguir, tentamos responder a esta questão, que não raras vezes é levantada por leitores mais críticos. Estes têm razão em manter um olhar aguçado sobre a literatura mediúnica, pois tendo atingido um grau de maturidade maior, ou por serem naturalmente mais “desconfiados”, exigem mais elementos que facilitem uma maior

clareza sobre esta atividade humana, que não está livre de equívocos e embustes.

2.1- Como ler uma obra mediúnica

Basicamente, pode-se afirmar que a leitura de um livro, seja mediúnico ou não, sempre deve ser feita sob o crivo da razão. Não haveria lógica em se aceitar o que está escrito, simplesmente porque foi publicado. Portanto um processo de “filtragem” é fundamental, para que o leitor assimile criticamente o que pode lhe ser útil de alguma forma. É claro que o “filtro” que o leitor utilizará é algo totalmente pessoal, e o que considerará bom para si, para outro será uma nulidade. Usei o termo “filtragem”, porque fornece uma imagem bem apropriada para esta questão. Considero que, por mais que não reconheçamos a importância de uma obra específica, ao fazermos uma avaliação criteriosa, aproveita-se alguma coisa. Ou seja, não será fácil acessar o conteúdo de um livro e concluir simplesmente que ele seja desprezível, eliminando-o por inteiro. Assim, se fizermos uma “filtragem” conscienciosa, sempre obteremos algo de valor.

2.2- O valor de uma obra mediúnica

Algo primordial na avaliação de um livro mediúnico, é compreender que ele vale muito mais pelo seu conteúdo, do que por quem o assina. Há trabalhos mediúnicos em que o autor espiritual prefere o anonimato, mas o conteúdo fala por si, demonstrando evidentemente o seu valor. Por outro lado, sob a ótica de um Espiritualismo Universalista, que preferimos, algumas características de uma boa obra mediúnica são: um conteúdo que estimule as pessoas a expandirem horizontes e consciências; ideias que reduzam preconceitos; pensamentos que explicitem o lado contraprodutivo das ortodoxias; e argumentos que levem a novos aprendizados, evitando-se apegos e induzindo à harmonia. Nesse contexto, compreendemos que um trabalho mediúnico poderá ter um valor respeitável, tanto com uma dose pequena ou grande de animismo. Para que isso ocorra, basta que o animismo seja de boa qualidade, e, obviamente, que a entidade espiritual comunicante seja uma consciência harmônica.

2.3- A evolução da obra mediúnica de um médium

Caso observemos detidamente a evolução da obra mediúnica de um médium, notaremos que ao longo do tempo os conteúdos dos livros, mesmo que assinados por um mesmo autor espiritual, podem apresentar modificações de estilo e conteúdo, em maior ou menor grau. Em parte

pode-se creditar a isso, flutuações de interferência anímica do sensitivo, no período de sua produção mediúnica. Outro fator relevante, inerente ao médium, é o enriquecimento por que passa após realizar estudos de diversos tipos. Isto pode influenciar a sua obra positivamente, conforme adquira novos conhecimentos, que o auxiliam num processo de expansão da consciência. No entanto, embora menos sujeito a alteração de estado vibratório, o autor espiritual, por si mesmo, pode ter sido o causador de alguma mudança de estilo e conteúdo das obras, talvez atendendo a necessidades/objetivos que escapam a nossa compreensão imediata (por exemplo, pode ter a intenção de atingir a um público diferenciado no Plano Terreno). É claro que, ao longo do tempo, evoluem tanto o médium como a própria entidade comunicante, o que se reflete na qualidade dos livros produzidos. Inclusive, é importante ressaltar que, de acordo com a passagem do tempo, há uma tendência a melhorar a conexão/sintonia entre o sensitivo e o seu companheiro sutil de trabalho.

Portanto, se olharmos para a produção mediúnica de alguém, principalmente se há mais de um autor espiritual envolvido, perceberemos com facilidade obras de conteúdo variado. E por quê isso ocorre? Basicamente, porque o público leitor também é bastante diverso. Muitas são as necessidades de esclarecimento e há inúmeros tipos de “fome espiritual”.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE

Este artigo também compõe um capítulo do *e-book* “Percepções”, que pode ser baixado gratuitamente aqui neste site.

Fontes bibliográficas consultadas:

- (1) Dicionário Escolar Silveira Bueno. Ediouro. São Paulo, 2001.
- (2) O Livro dos Médiuns. Allan Kardec. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro, 1996.
- (3) Parapsicologia: termos e mestres. Gerardo M. Ney. Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro, 1991.
- (4) Mirabelli: um médium extraordinário. Lamartine Palhano Júnior. Edições CELD. Rio de Janeiro, 1994.

ARTIGO 9

DOGMATISMOS

Escrito em 16 de fevereiro de 2011.

Para falar sobre dogmatismo, inicialmente é preciso compreender a palavra dogma. Segundo definição de dicionário⁽¹⁾, o termo vem do Grego *dóigma*, e significa: 1- “ponto fundamental e indiscutível de uma doutrina religiosa, e, por extensão, de qualquer doutrina ou sistema”; e 2- na Igreja Católica Apostólica Romana, é “ponto de doutrina definido como expressão legítima e necessária de sua fé”.

A partir das definições apresentadas, observemos o que há em dicionário⁽¹⁾ sobre dogmatismo: 1- “doutrina que afirma a existência de verdades certas e que se podem provar indiscutíveis”; 2- “adesão irrestrita a princípios aceitos como indiscutíveis”; e 3- “atitude sistemática de afirmação ou negação”.

Com o panorama fornecido pelas conceituações acima, pretendemos discutir vários aspectos de dogmatismo que permeiam a nossa sociedade, demonstrando que uma postura dogmática é mais prejudicial do que benéfica.

Bem, o título do presente artigo está no plural, porque há vários tipos de pensamento/ação dogmáticos. O primeiro tipo que vamos abordar é o dogmatismo religioso. Por exemplo, vamos citar dois dogmas do Catolicismo: a Santíssima Trindade (doutrina que professa a Deus único em três pessoas distintas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo); e a Ressurreição de Jesus (após a sua morte, ressuscitou ao terceiro dia). No entanto, a postura dogmática não está fundamentalmente apenas no meio católico. Outros agrupamentos religiosos têm como forte característica o dogmatismo. E isto, ao longo de séculos, tem levado a disputas ideológicas, que, não raras vezes, culminaram em conflitos e até em guerras. Na época das Cruzadas, morreram em torno de nove milhões de pessoas, nas contendas entre cristãos e muçulmanos. Em 1572, na chamada “Noite de São Bartolomeu”, cerca de 70 mil protestantes, ou suspeitos de serem protestantes, foram mortos por católicos. Antes da ascensão dos nazistas ao poder havia 503 mil judeus na Alemanha, e, após a Segunda Guerra Mundial, em 1950, restaram apenas 15 mil⁽²⁾. Portanto, se considerarmos esta pequena amostra de fatos históricos, é fácil compreender porque o dogmatismo no campo religioso é tão negativo, muito embora a religião, frequentemente, esteja fortemente relacionada a questões políticas/“de poder”, sendo comumente utilizada como pretexto para conflitos. Nos dias de hoje, posturas dogmáticas permanecem em grande parte dos agrupamentos da fé, de diversas origens, contudo nem sempre de forma ostensiva.

Agora, vejamos o que ocorre no teoricamente “campo oposto” ao da religião: o mundo dos denominados “céticos”. Recorrendo a um dicionário enciclopédico⁽³⁾, cético é “aquele que não crê, que duvida de tudo; descrente; desconfiado; partidário do ceticismo; diz-se de certos filósofos cujo dogma era duvidar de tudo”. São muito interessantes estas definições, sobretudo a última, que

reforça o nosso entendimento de que um cético típico, é uma pessoa dogmática. Ou seja, temos um dogmatismo ceticista. Isso mesmo! Um religioso ortodoxo, tanto quanto um verdadeiro cético, são, ambos, partidários do dogmatismo. O que os diferencia é a direção do dogmatismo praticado: um crê nos dogmas religiosos, e o outro crê no dogma de duvidar sistematicamente. Ambos estão distantes do legítimo espírito científico, que cria hipóteses e as testa através de experimentos controlados, plausíveis de repetição, de modo a obter conclusões úteis e isentas de paixão.

Então, chegamos à questão do meio científico. Mas, ele não está livre de dogmas e de posturas tendenciosas, que se traduzem num dogmatismo científico. E existem muitos exemplos disso que, inclusive, são históricos. Lembremos de Thomas Alva Edison que, no final do século XIX, inventou a lâmpada elétrica. Na sua época, muitos cientistas entendiam que a luz elétrica era uma ideia absurda. Edison também criou o fonógrafo. E este aparelho incomodou a certeza dogmática de um doutor da Academia de Ciências da França, que, ao assistir o físico Du Moncel apresentar o fonógrafo de Edison, bradou: “- miserável! Nós não seremos ludibriados por um ventríloquo!” O hoje reverenciado Louis Pasteur, no seu tempo, foi execrado por seus colegas da Academia Francesa de Medicina, quando defendeu a hipótese de que micróbios, invisíveis a olho nu, eram os verdadeiros promotores das infecções. O mesmo Pasteur, quando atribuiu a fermentação a micro-organismos, provocou a seguinte reação do renomado químico Justus von Liebig: “- isso é o mesmo que dizer que a torrente do Reno é causada pelas rodas dos moinhos.” Quando os primeiros trens a vapor estavam em desenvolvimento, havia uma forte preocupação dos homens de ciência da época, de que a velocidade de 50 km/h iria sufocar os passageiros. Quanto a Santos Dumont, muitos dos seus contemporâneos achavam ser impossível, que um veículo mais pesado que o ar voasse. Neste caso específico, é bem interessante que o dogmatismo impediu que alguns desses cientistas lembrassem que as aves são mais pesadas que o ar, mas simplesmente voam! E com o voo do 14 bis, o dogma científico de que o “mais-pesado-que-o-ar” não sairia do chão, caiu por terra! Nos dias de hoje, embora algumas pessoas creiam que o meio científico já está menos dogmático, temos casos flagrantes de um posicionamento ceticista dogmático. Para citar um, sem entrar no mérito da pesquisa em tela, vejamos o que diz Joachim Krueger, da Universidade Brown, à revista britânica *New Scientist*, sobre o trabalho de oito anos de Daryl Bem (Universidade Cornell) acerca da capacidade humana de prever o futuro⁽⁴⁾: “- minha opinião pessoal é que isto é ridículo e não pode ser verdade. Verificar a metodologia e o planejamento do experimento é a primeira linha de ataque. Mas, francamente, eu não consegui achar nenhum problema. Tudo parece estar na mais perfeita ordem.” O trabalho de Daryl Bem foi publicado pelo *Journal of Personality and Social Psychology*.

Como entendo que este artigo já está um pouco longo, pretendo dar-lhe um fechamento a partir deste ponto. Assim, assinalo que os dogmatismos são de muitos tipos. Embora eu tenha salientado mais detidamente o dogmatismo religioso, o ceticista e o científico, é evidente que a postura dogmática é uma característica profundamente humana. Uns a possuem em maior grau e outros em nível mais moderado. Na realidade, o dogmatismo é fruto do apego por ensinamentos, hábitos, culturas e outros aspectos preexistentes. Isto se reflete na política, na educação, na mídia, enfim, no dia a dia das pessoas. Raros indivíduos têm uma flexibilidade mental suficiente para aquilo que é diferente ou inovador. Nós, de uma forma geral, nos aferramos a ideias e formas de viver, pois o que já é conhecido é mais cômodo. Apenas ensaiamos os primeiros passos de aceitação por uma “vida de mudança”. E quando exercitamos um pouco o dinamismo na forma de ver as coisas, ou para enxergar outras faces das chamadas “realidade” ou “verdade”, logo voltamos ao velho dogmatismo. Não quero dizer que devemos mudar sistematicamente, pois isso seria sair de um extremo para o outro: da rigidez do dogma, para a volatilidade da mutação constante! Compreendendo que os extremos não são saudáveis, é fácil supor que é preciso expandir a consciência, assumindo uma mente mais flexível, num nível e ritmo autossustentáveis e harmônicos. Creio que, dessa forma, todos temos a ganhar, evitando os erros do passado. No entanto, como ser flexível num patamar saudável e equilibrado? Bem, este patamar é algo individual, mas quanto mais se adia um trabalho de autoconhecimento, fonte inequívoca de expansão consciencial, mais estagnado se fica, ou seja, o dogmatismo tende a continuar...

Fontes bibliográficas consultadas:

- (1) Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Editora Nova Fronteira, 2ª edição (12ª reimpressão), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1986, 1838 p.
- (2) “Judeus sentem ares de mudança na Alemanha”. Matéria de Jennifer Abramsohn, do Deutsche Welle, site www.dw-world.de. Disponível em: http://www.dw-world.de/popups/popup_printcontent/0,,1455986,00.html. Acesso em 02/02/2011.
- (3) Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse. Editora Larousse do Brasil, 1980, 635 p.
- (4) “Humanos são capazes de prever o futuro, diz pesquisa”. Matéria da Redação do Diário da Saúde, do site <http://www.diariodasaude.com.br/>. Disponível em: <http://www.diariodasaude.com.br/news.php?article=humanos-capazes-prever-futuro>. Acesso em 03/02/2011.

ARTIGO 10

PROFECIAS CATASTRÓFICAS: BREVE HISTÓRICO E CAUSAS PRINCIPAIS

Escrito em 06 de abril de 2011.

Para discorrer sobre esse tema, é importante inicialmente apresentar duas definições fundamentais. A primeira explica o que é profecia⁽¹⁾: do Grego *propheteía*, pelo Latim *prophetia*; predição do futuro feita por um profeta; oráculo, vaticínio, presságio. A segunda esclarece o que é premonição⁽¹⁾: do Latim *praemonitione*; sensação ou advertência antecipada do que vai acontecer; pressentimento. Ambas palavras, profecia e premonição, estão relacionadas ao foco desse artigo, que não investigará sobre os mecanismos pelos quais o fenômeno se dá. Entendendo que profecias/premonições ocorrem, com maior ou menor grau de precisão, discutiremos principalmente sobre aspectos culturais e psicológicos vinculados ao tema, de forma a alertar quanto ao catastrofismo/pessimismo de certos vaticínios, que, não raras vezes, têm origem no próprio psiquismo do indivíduo que faz predições, ou naqueles que as interpretam. Não estamos duvidando do fenômeno, que existe e tem sido estudado por muitas pessoas com sólida formação, mas sim, nos ateremos às distorções que envolvem o assunto.

A questão de profetizar é antiga. Podemos facilmente lembrar o Velho Testamento da Bíblia, cheios de apontamentos sobre o futuro, dentro do Judaísmo. No entanto, se tem notícia do fenômeno entre povos mais antigos, podendo ocorrer, com boa probabilidade, desde culturas primitivas. Mas, voltando à tradição profética judaica, não é difícil perceber que ela fluiu até o Apocalipse de João, já no início do Cristianismo. Analisando-se o contexto cultural do Judaísmo, desde épocas mais remotas, constata-se que vivenciaram muito a luta pela sobrevivência, guerras por motivos diversos, perseguição e escravidão. Desta forma, o uso de suas capacidades psíquicas, para uma visão de futuro, é claro que está permeada por ansiedades e angústias. Assim, tanto os conteúdos premonitórios em si, quanto as interpretações dadas às predições, apresentam-se com fortes traços de dor e tragédia. E este cenário geral passou para o Cristianismo nascente, pois os cristãos também viveram por muito tempo em situação de opressão e contendas. Neste sentido o Apocalipse é um marco, que une o passado do Judaísmo com o mundo da cristandade. E hoje, podemos afirmar que a civilização ocidental, de uma forma geral, é “herdeira” do Apocalipse. Somos descendentes de pensamentos de “fim do mundo”, de crenças em mudanças bruscas tanto quanto violentas, e de desejos de “punição aos maus” e “recompensa aos virtuosos”. Assim, desde os primeiros tempos do Cristianismo, é possível ter acesso a profecias e interpretações com teor trágico. Vejamos, a seguir, alguns exemplos. Por volta do ano 90 d.C., São Clemente I previu que o fim do mundo era iminente⁽²⁾. O bispo Hilary de Potiers declarou que em 365 d.C. o mundo acabaria⁽²⁾. Um pouco antes do ano 1000 d.C., parte da cristandade preparou-se para o fim do mundo através de diversas penitências⁽³⁾. Na mesma época, muitos deixaram de trabalhar; não se começava nenhuma obra; e os mais ricos tentavam gozar a vida ao máximo, pois em pouco tempo

tudo deixaria de existir⁽⁴⁾. Então, alguns disseram que tudo o que estava predito, deveria ocorrer a partir da morte de Jesus, e, portanto, que se esperasse até 1033 d.C., porém nada acontecendo nesta nova data⁽⁴⁾. Pouco tempo depois, Joaquim de Fiore, abade e filósofo místico italiano, previu o fim do mundo para 1260 d.C.^(5,6). No século XIV, a peste bubônica, também chamada “peste negra”, dizimou cerca de 1/3 da população europeia. Causou desordem tão intensa, que muitos acreditavam que era o fim do mundo, propalado por inúmeros pregadores daquele período difícil⁽⁷⁾. Já Michel de Nostredame, o “Nostradamus”, ficou famoso por suas habilidades premonitórias registradas no século XVI. Ainda há pouco, no final do século XX, muitos estudiosos conceberam interpretações radicais para as suas Centúrias (obra poética de caráter profético), assinalando variadas desgraças sobre a atual civilização. Mais uma vez, as expectativas de mudanças radicais e abruptas, sobre a face do planeta, foram frustradas. E por quê?

Bem, a frustração de profecias trágicas tem várias motivações, que, em algumas oportunidades, estão correlacionadas entre si. Imaginemos, de início, como se sente alguém que tem visões em sequência, não raras vezes de uma época bem distante no futuro. Assim, imagens de máquinas com tecnologia avançada e incompreensível, já o deixarão atordoado. E muito mais ficará, se as cenas são de conflitos e guerras. Portanto, ao vislumbrar acontecimentos dolorosos do porvir, facilmente poderá interpretar que é o “fim do mundo”. No entanto, o paranormal pode estar vendo cenas com o espaçamento de muitos anos entre si, e ainda em países diferentes. Ou seja, não é o “final dos tempos”. Por outro lado, compreendemos que o futuro é uma espécie de rede de possibilidades. Nem tudo o que se vislumbra, de fato acontecerá! Além do que foi comentado neste parágrafo, relembremos o contexto cultural e psicológico onde está inserido o vidente. Se a cultura onde este se desenvolveu, favorecer o entendimento de que a solução para os problemas é sempre por meio da força, é bem provável que ele interprete o que viu ou pressentiu, com matizes mais fortes de violência. E no caso da civilização ocidental, “herdeira” do Apocalipse, já há uma expectativa inconsciente por um “fim do mundo”. Daí, não fica difícil entender porque pessoas com graus variados de paranormalidade, quase sempre acabam por produzir previsões um tanto trágicas. E mesmo aqueles que somente se prendem à interpretação de predições, também caem neste lugar-comum. Já a população no geral, considerando uma parte significativa, crê num futuro doloroso para a humanidade, pelas mesmas causas culturais e psicológicas. Aliás, dissequemos um pouco mais as razões psíquicas para esta postura. Uma delas é a inadaptação à realidade atual, com todos os estresses e frustrações, que acabam por facilitar uma atitude mental de fuga, desejando-se uma transformação abrupta em escala planetária, que obviamente não está isenta de sofrimento. Outro aspecto ocorre com indivíduos que vivem mais próximos da linha da miséria, vivendo em

subjugação econômica e com muito pouco poder de decisão. Estes naturalmente preferirão uma mudança rápida no *status quo*, através de “eventos apocalípticos”, consistindo este sentimento que carregam, num mecanismo de compensação para as suas dores no cotidiano. E na esteira de todo este processo, não podemos esquecer dos “espertalhões” que escrevem e falam sobre previsões bombásticas, lucrando com a credulidade popular...

Neste ponto do artigo, não podemos deixar de mencionar as profecias após o ano de 2000. O grande destaque é o que se diz sobre o calendário maia e sobre o ano de 2012, que não será reproduzido aqui. Esta e outras predições/interpretações acabam por distorcer fatos científicos, amoldando-os (muitas vezes grosseiramente) para concluir que grandes catástrofes, em escala planetária, irão ocorrer em breve. Esta situação ganha força por meio dos atuais desarranjos climáticos, que são promotores de eventos com muitos mortos e desabrigados em várias partes do mundo. Mas se observarmos com atenção o histórico de desastres naturais, a seguir, não será difícil compreender que o planeta sempre teve suas convulsões climáticas e geológicas⁽⁸⁾:

- Em 1556, houve um terremoto na China (Shensi), matando cerca de 800 mil pessoas.
- Em 1730, no Japão (Hokkaido), um terremoto provocou em torno de 140 mil mortes.
- Em 1737, na Índia (Calcutá), um terremoto extirpou perto de 300 mil vidas.
- Um tsunami, em 1775, promoveu o desencarne de mais ou menos 60 mil pessoas.
- Em 1780, dois eventos naturais foram catastróficos: no Irã, um terremoto ceifou em torno de 200 mil vidas, enquanto no Caribe um furacão levou 22 mil pessoas à morte.
- Em 1815, na Indonésia (Sunbawa), o vulcão Tambora provocou 90 mil mortes.
- Um ciclone em 1864, na Índia, tirou a vida de 70 mil pessoas.
- Em 1876, no Bangladesh, um ciclone matou 200 mil pessoas.
- As secas do triênio 1876-78, na China, promoveram o falecimento de cerca de nove milhões de seres humanos.
- Em 1881, um tufão matou perto de 300 mil indivíduos na China.
- Em 1887, enchentes do rio Yantzé (China) eliminaram cerca de um milhão de pessoas.

Portanto, as transformações na face do planeta eram comuns no passado, são quase corriqueiras hoje, e provavelmente continuarão a ser fato normal no futuro, seja em 2012 ou após este ano. A grande diferença entre hoje e outrora, é que no passado não havia um sistema de comunicações tão eficiente e complexo. Através da TV por satélite, Internet em banda larga, e

telefonia celular, nos comunicamos instantaneamente com qualquer parte do mundo. Assim, uma sequência negativa de eventos climáticos, com mortos e feridos, além das guerras e atentados, rapidamente é conhecida por todos. Então, fica a impressão de que o planeta está mais perturbado do que nunca, e usam isso como “combustível apocalíptico”. No entanto, o breve histórico de desastres naturais apresentado, cuja lista original é bem mais longa⁽⁸⁾ (omiti diversos fatos para evitar ser muito extensivo aqui, mas vale a pena conferir no endereço indicado ao final deste artigo), nos atesta que o planeta está em constante mutação.

Finalizando, entendemos que aguardar um mundo melhor através de transformações apenas exteriores, é algo ilusório. Compreendemos que a chamada “separação do joio do trigo”, através de desencarnes em massa, somadas a outras teorias/especulações não é o mais importante. Fundamental é desenvolver a própria espiritualidade, através do autoconhecimento e da vivência no dia a dia com os semelhantes. Somente após atingirmos, como uma coletividade que somos, um grau mínimo de “amar ao próximo como a si mesmo”, é que teremos um mundo melhor. Façamos a nossa parte agora e, então, um futuro harmônico chegará mais rapidamente.

Fontes bibliográficas consultadas:

- (1) Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Editora Nova Fronteira, 2ª edição (12ª reimpressão), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1986, 1838 p.
- (2) Lançamento do livro “O fim dos tempos”, de Sylvia Browne, Ed. Prumo. Disponível em: <http://www.communicabrazil.com.br/texto.php?cod=526>. Acesso em 31/01/2011.
- (3) Artigo “Eclipse, histeria e milenarismo”, de Fernando Fernandes. Disponível em: <http://www.constelar.com.br/revista/edicao14/histeria.htm>. Acesso em: 01/02/2011.
- (4) Artigo “De mil passará, mas a 2000 não chegará...”, editorial da revista O Consolador. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/ano3/140/editorial.html>. Acesso em 01/02/2011.
- (5) “Breve Cronologia 1170-1274”. Disponível em: <http://salterrae.org/breve-cronologia-1170-1274>. Acesso em 02/02/2011.
- (6) “Joaquim de Fiore”. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_de_Fiore. Acesso em 03/02/2011.
- (7) “O que foi a chamada peste negra?”. Disponível em: <http://www.klickeducacao.com.br/conteudo/pagina/0,6313,POR-1368-,00.htm>. Acesso em 03/02/2011.

(8) “Desastres Naturais”, especial *on line* da Revista Veja. Disponível em: http://veja.abril.com.br/especiais_online/desastres_naturais/. Acesso em 04/02/2011.

ARTIGO 11

PRINCÍPIOS PARA UM ESPIRITUALISMO UNIVERSALISTA

Escrito em 28 de abril de 2011.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, procuraremos definir o que é “Espiritualismo Universalista”, ainda que de uma forma genérica. O significado de “espiritualismo”, segundo a Enciclopédia Britânica⁽¹⁾, está associado à ideia de aceitação da noção de infinito, da imortalidade da alma, da imaterialidade do intelecto e da vontade, dentre outras nuances, que transcendem os limites da interpretação materialista vulgar. Quanto à palavra “universalista”, provém de “universal”, podendo ser definida como aquilo que se aplica à totalidade, que é válido em qualquer tempo ou lugar⁽²⁾. Assim juntando-se os conceitos colocados, de uma forma simplista, poderíamos dizer que Espiritualismo Universalista é uma modalidade que busca incluir todos os espiritualismos construídos ao longo do tempo, neste planeta, agregando o que é ajustável das diversas culturas/sabedorias na busca do Divino ou do Todo.

No entanto, esta definição apresentada obviamente precisa ser mais desenvolvida e detalhada, de forma que o caminho espiritualista universalista para a autorrealização/harmonia seja melhor compreendido e exercitado. É o que pretendemos fazer por meio desse artigo. Antes de entrarmos nos princípios a que nos propomos no título deste texto, é relevante assinalar que cremos que, através de um espiritualismo mais universalista, se pode evitar/amenizar as contendas milenares em torno das religiões/filosofias, permitindo um caminhar mais fraternal e construtivo, até porque compreendemos que toda criação da mente humana encarnada, jamais será exatamente como o Todo. Um Espiritualismo Universalista bem desenvolvido e plural em sua concepção, embora seja também pálido reflexo do Todo, permitirá, ao menos, alguns reflexos mais brilhantes do que a nossa humanidade tem conseguido ao longo dos séculos. Aliás, desde muito tempo já se ensaia uma visão mais universal sobre Espiritualidade, por entre as ortodoxias terrenas vigentes. É o caso das várias correntes Sufis, que apresentam-se com traços mais ou menos intensos de universalismo, conforme os contextos de época e local. Segundo boa fonte⁽³⁾, a assinatura sufista característica encontra-se numa literatura amplamente dispersa desde, pelo menos, o segundo milênio antes de Cristo. Um representante expressivo do Sufismo, não tão distante no tempo, Ibn El-Arabi (1165-1240), um “árabe espanhol” de Múrcia, demonstra sua visão universalista ao dizer: *sigo a religião do Amor. Ora, às vezes, me chamam Pastor de gazelas, ora monge cristão, ora sábio persa. Minha amada são três. Três, e no entanto, apenas uma; muitas coisas, que parecem três, não são mais que uma. Não lhe dêem nome algum, como se tentassem limitar alguém a cuja vista toda limitação se confunde*⁽³⁾. Nos dias atuais, há diversos agrupamentos favoráveis a um caminhar espiritualista universalista. Nós nos incluímos neste movimento, que tem ganhado força nos últimos anos, e, assim, aqui estamos para contribuir com o que consideramos princípios

importantes para uma base forte de um Espiritualismo Universalista.

OS PRINCÍPIOS

1- A VERDADE POSSUI INFINITAS FACES

Este Princípio é fundamental para a compreensão de um Espiritualismo Universalista. Entendendo-se que Deus ou o Todo são uma realidade infinita, que a tudo inclui, como pode um ser humano ou religião instituída afirmar com certeza absoluta que detém toda a Sabedoria e a Verdade? Como pode aquilo que é temporal e finito, dizer que sabe e assimila o Infinito? Portanto, alguém que se considera espiritualista universalista não tem ou apresenta verdades absolutas. Um verdadeiro universalista sabe que muitas são as interrogações, provavelmente em número muito maior que a quantidade de alicerces de seu conhecimento.

2- HUMILDADE

O Princípio da Humildade provém naturalmente do anterior. Aquele que assimilou de fato que “A Verdade possui infinitas faces”, torna-se, conseqüentemente, mais humilde. Portanto, aqueles que se dizem espiritualistas universalistas, mas que no dia a dia usam largamente a ironia, o desprezo e a arrogância, ainda não compreenderam o que é Espiritualismo Universalista.

3- FAZER AO PRÓXIMO O QUE GOSTARIA DE RECEBER

Este Princípio correlaciona-se estreitamente com os dois anteriores, e é igualmente fundamental numa caminhada espiritualista universalista. Aliás, é uma questão basilar para o bom convívio humano, em qualquer circunstância. Assim, se alguém se intitula ou crê ser um universalista, mas fere esta “regra de ouro” com frequência, seja na sua vida privada ou pública, apenas presta um desserviço à propagação de um Espiritualismo Universalista.

4- AUTORREALIZAÇÃO/HARMONIA

Realizar-se enquanto ser humano/consciência espiritual é algo inerente a qualquer pessoa, quer ela perceba ou não. E conforme alguém vai se autorrealizando na vida, naturalmente também vai adquirindo harmonia neste processo. O Princípio de Autorrealização/Harmonia é

particularmente importante no contexto do Espiritualismo Universalista, onde ganha aspectos mais amplos do que em caminhos de vida mais específicos. E quanto mais consciente for o universalista, de seus propósitos de vida, maiores são as chances de se desenvolver bem e de encontrar plenitude.

5- O CONTEÚDO É MAIS IMPORTANTE QUE A FORMA

O verdadeiro universalista consegue notar, com alguma facilidade, o que está por trás dos cultos exteriores das diversas religiões, percebendo o “cerne”, ou seja, quais os valores/significados principais que ficam encobertos pelos rituais. E é este “cerne” ou “essência” que o universalista considera realmente relevante. Em outras palavras, ele compreende que “o conteúdo é mais importante que a forma”.

6- TOLERÂNCIA

Este Princípio vem em consequência do anterior. Por enxergar que cada agrupamento religioso traz uma essência, que é parcela do Todo, o universalista se torna tolerante. E quanto mais se aprofunda e exercita, tenderá a adquirir mais Tolerância. Portanto, alguém que se julgue espiritualista universalista, mas que frequentemente aponta a “ignorância alheia” ou vive crendo na sua própria “maior sabedoria”, precisa se reavaliar com urgência, pois age semelhantemente àqueles que são abertamente dogmáticos/ortodoxos.

7- FLEXIBILIDADE

O Princípio da Flexibilidade é desenvolvido a partir da Tolerância e concomitantemente com ela. Assim, o universalista sente e pensa de forma mais flexível sobre tudo o que o cerca, passando a agir com maleabilidade diante das circunstâncias adversas e desafios da vida. O novo não o assusta, sendo encarado como oportunidade de algum aprendizado. Agindo desta forma, o crescimento não cessa...

8- PREDOMINÂNCIA DO MONISMO

Genericamente, chama-se de monismo às teorias filosóficas que defendem a unidade da realidade como um todo (em metafísica)⁽⁴⁾. O espiritualista universalista privilegia uma visão mais “monista”, embora não negue e compreenda que o dualismo seja fundamental para o

desenvolvimento do espírito, sobretudo enquanto encarnado. Portanto, apesar de entender que as ideias dualistas de bem X mal, erro X acerto, luz X trevas etc. são relevantes no início da caminhada espiritual, conforme vai obtendo uma expansão consciencial, acaba por notar que o monismo prevalece: bem e mal são relativos; todos temos uma Essência Divina; todos temos impulsos de autorrealização; todos precisamos amar e ser amados; todos manifestamos aspectos da Inteligência Universal;...

9- ESPIRITUALIDADE É VIVÊNCIA

Para se ter uma percepção mais realista de um Espiritualismo Universalista, é preciso vivenciar algumas correntes religiosas/filosofias de vida. Ou seja, não basta o conhecimento teórico, mas sim, ter se engajado e participado de diferentes agrupamentos, pelo tempo necessário para assimilar conceitos e experiências práticas.

10- AUTOCONHECIMENTO

O “Conhece-te a ti mesmo” é um Princípio fundamental para o espiritualista universalista. Somente através de um bom grau de entendimento, quanto aos próprios sentimentos e principais mecanismos psicológicos, é que o universalista terá condições de colocar em prática diversos dos Princípios anteriormente assinalados.

CONCLUSÃO

Bem, este artigo não esgota o assunto. Obviamente, não me considero “detentor da Verdade”, e, sendo assim, evidencia-se que estes Princípios podem ser melhorados/complementados e, até mesmo, serem acrescidos de outros Princípios. Entendo que o Espiritualismo Universalista é uma construção coletiva e passará por constantes aperfeiçoamentos, conforme se expandem as consciências. Além disso, é importante salientar que será inevitável que os perfis dos espiritualistas universalistas serão variáveis, conforme a experiência/vivência de cada um, o que é natural, saudável e condizente com os próprios Princípios para um Espiritualismo Universalista. Em outras palavras, a partir da síntese particular que cada um poderá fazer, sobre as religiões/filosofias de vida existentes, ali se constituirá um universalista praticamente “único”. O que poderá promover uma espécie de identidade entre os universalistas é a própria vivência dos Princípios aqui propostos/desenvolvidos, ou quiçá, dos Princípios que futuramente caracterizarão um efetivo e

consciente “Movimento Espiritualista Universalista”. Eu, de minha parte, estou exercitando os Princípios propostos, confessando-me um mero aprendiz. Espero que outros se juntem a esta caminhada, tornando-nos mais distantes das ortodoxias religiosas e filosóficas, contribuindo para um mundo mais livre e solidário. Em tempo, finalizo salientando que esta proposta em favor de um Espiritualismo Universalista não prevê, nem tenciona, a um fim das religiões instituídas, mas sim, aspira a uma convivência mais pacífica e produtiva, pois, afinal de contas, todos temos uma Essência Divina.

Fontes bibliográficas consultadas:

- (1) Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <http://www.britannica.com/>. Acesso em 19/04/2011.
- (2) Dicionário Básico de Filosofia. Hilton Japiassú e Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, 5ª edição.
- (3) Os Sufis. Idries Shah. São Paulo: Cultrix, 1993, 9ª edição.
- (4) Monismo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Monismo>. Acesso em 27/04/2011.

ARTIGO 12

ESPIRITUALIDADE E RELIGIÃO

Escrito em 30 de maio de 2011.

INTRODUÇÃO

Há um tempo atrás, era comum encontrar-me com pessoas que diziam, orgulhosamente, que tinham uma religião. Essas pessoas assim agiam, geralmente, para contraporem-se àquelas de outras denominações, ou para confrontarem indivíduos céticos, ou ainda para criticar aos que não seguiam a nenhuma tradição religiosa em específico. Este tipo de confrontação, na minha percepção, embora tenha se reduzido um pouco, ainda persiste em larga escala. Esta atitude, que beira ao sectarismo, não tem muita razão de ser, se avaliarmos que mais vale ter espiritualidade do que ter uma religião. Desta maneira, propus-me a escrever o presente artigo, com o intuito de contribuir para diferenciar o “ter espiritualidade” daquilo que é exclusivamente “ter uma religião”.

Neste início, faz-se relevante trazer algumas definições que ajudam a delinear a questão. O termo “espiritualidade” significa “qualidade ou caráter de espiritual”⁽¹⁾. Já o termo “espiritual” (do Latim *spirituale*) é definido como “relativo ou pertencente ao espírito (por oposição à matéria): vida espiritual”⁽¹⁾. Com relação à religião (do Latim *religione*), apresentamos três definições: (a) “crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do universo, e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s)”⁽¹⁾; (b) “a manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios, que envolvem, em geral, preceitos éticos”⁽¹⁾; e (c) “culto rendido à divindade”⁽²⁾.

DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

Após a colocação das definições, pode-se compreender que ter espiritualidade apresenta uma grande amplitude, enquanto que ter uma religião é um tanto restrito, pois obedece a rituais/cultos que, obviamente, estão intimamente ligados a contexto histórico/cultural. Mas, não paremos por aqui! Vamos desenvolver mais a questão, nos pontos a seguir.

1- A religião, se muito dogmatizada (o que é relativamente comum), induz à acomodação do indivíduo, ou até a sua paralisação como ser pensante. Por outro lado, quem busca ter espiritualidade elabora perguntas e busca respostas, o que induz ao crescimento como ser humano e à expansão de sua própria consciência.

2- Numa religião instituída, quase sempre há forte hierarquia e, com isso, os sacerdotes e similares. Estes, no intuito de defender conceitos e ritos específicos, frequentemente podam os adeptos

participantes, que, não raras vezes, deixam de pensar e de ouvir à chamada “voz interior”. Já quem busca espiritualidade, além de usar corriqueiramente seu raciocínio, desenvolve sua intuição, e tem maiores chances de crescimento e autorrealização. Quem quer ter espiritualidade não tem exatamente um intermediário (sacerdote e similares) entre si e a Divindade (ou o Todo), mas sim vê os mais experientes do caminho espiritual como pontos de referência.

3- As religiões, principalmente as que possuem uma forte visão dualista (bem X mal; céu X inferno; etc.) priorizam mais um discurso de punição do que de educação. Aqueles que pretendem ter espiritualidade, desenvolvem melhor um sentido de “aprender com os erros” e de autoconhecimento. Assim, o religioso mais estrito lida muito com sentimentos de medo e culpa/remorso, enquanto quem se espiritualiza “olha para dentro e verifica o que precisa ser melhorado”.

4- Religiões (as mais dualistas) tendem a fornecer conceitos mais restritos e antropomorfizados de Deus, e de seus aspectos/atributos. Quem aspira a ter espiritualidade acaba por entender que não é possível limitar a Inteligência Cósmica.

5- Genericamente, as religiões são instituições humanas, que apontam caminhos espirituais. Já espiritualidade é algo que, naturalmente, ruma para transcender a condição humana. Assim, com frequência, a religião provoca divisões, enquanto aquele que procura ter espiritualidade estuda, entende e transcende às divisões, para fazer a sua síntese.

6- Grande parte das religiões, de forma mais ou menos intensa, almeja que seja buscada e adotada pelas pessoas/nações, de forma padronizada. Na contra-mão desta realidade, ter espiritualidade é um atributo particular que precisa ser buscado/desenvolvido por cada indivíduo, com as nuances específicas da própria alma.

7- A maioria das religiões vê a Verdade em seus ensinamentos e livros, enquanto que os que aspiram a ter espiritualidade, paulatinamente, veem a Verdade por trás de todos os ensinamentos, de todos os livros religiosos e na própria natureza em manifestação.

8- A religião, frequentemente, precisa da fé para a sua manutenção e continuidade. Já para se ter espiritualidade, são necessárias capacidades de análise racional e de síntese intuitiva, e, a partir do que é plausível, surge a fé como consequência. A fé do religioso tem como pré-requisito comum ser fixa/imutável, enquanto a fé de quem tem espiritualidade é relativa ao contexto de conhecimentos, e, por isso, evolui com o tempo.

9- O religioso, num sentido mais restrito, tem a sua mente num passado de glórias e de revelações, projetando-se para um futuro de beatitudes e recompensas. Aquele que aspira a ter espiritualidade e a desenvolve, tem a sua mente no aqui e agora. Vive o presente e, com isso, evita a prisão ao passado e a ansiedade pelo futuro. Assim, tende à harmonia.

10- Quem segue estrita e profundamente uma religião, crê que ela possui a Verdade Absoluta. Quem almeja ter espiritualidade, compreende que a Verdade tem infinitas faces.

PALAVRAS FINAIS

Concluindo este artigo, é importante que alguns aspectos ainda sejam abordados. O texto colocado não tenciona, de forma alguma, combater quaisquer religião nos seus princípios fundamentais. A liberdade religiosa e de expressão são primordiais para a evolução humana. Compreendemos também, que a matriz para que se desenvolva a espiritualidade no ser humano, é composta pelas religiões tradicionais e suas variantes. Apenas enfatizamos que é relevante ir além dos ritos e dogmas, pois entendemos que o conteúdo é mais importante que a forma. Assim, assinalamos que alguém que segue os preceitos de uma religião instituída, também pode estar, em paralelo, desenvolvendo satisfatoriamente sua espiritualidade. Ou seja, não é preciso abandonar a própria religião, para que se tenha espiritualidade. O que é preciso, é desenvolver um olhar mais profundo e aprender a escutar à voz interior. O Divino se manifesta em todo lugar e através de todos os seres.

Fontes bibliográficas consultadas:

(1) Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, 2ª edição.

(2) Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse. Rio de Janeiro: Editora Larousse do Brasil Ltda., 1980.

ARTIGO 13

PERFIL DO ESPIRITUALISTA UNIVERSALISTA

Escrito em 12 de agosto de 2011.

INTRODUÇÃO

Este artigo não é um texto que visa a ditar normas de conduta, para quem deseja se tornar um espiritualista universalista, e tampouco instituir um padrão rígido para tal. O objetivo das presentes colocações/reflexões é trazer pontos de referência àqueles que estão tentando compreender o que é Espiritualismo Universalista, e, ainda, àqueles que aspiram a viver a vida dentro de uma concepção mais ampla. Desta forma, a seguir, encontram-se questões existencialistas relevantes, comentadas conforme uma visão universalista. O conjunto dessas questões acaba por traçar, ainda que em linhas gerais, o perfil de um espiritualista universalista, muito embora reconheçamos que quase sempre haverá significativa diversidade entre aqueles que tentam assimilar/vivenciar a Inteligência Cósmica/o Todo.

QUESTÕES DIVERSAS

1- ERROS

O espiritualista universalista não é tão dualista na questão erro/acerto. Mas, dentro do contexto em que vive, quando percebe que “errou”/falhou, não fica remoendo remorsos. Logo procura compreender sua deficiência, e caminha na direção do “acerto”, dentro das circunstâncias vividas.

2- VITÓRIA

Vitória e derrota também são aspectos relativos para o espiritualista universalista, que, em verdade, sente-se vitorioso sobretudo quando superou a si mesmo. Não alardeia aos quatro cantos do mundo a sua vitória, mas felicita-se e usa seu íntimo sentimento de satisfação para avançar mais.

3- IDEALISMO

O universalista é um idealista por natureza, já que crê/almeja a uma convivência mais tolerante e ecumênica, entre as diversas vertentes religiosas/visões de vida. No entanto, embora seja um idealista, não é alienado do contexto sociocultural em que vive. Assim, o idealismo é um combustível essencial para o bem viver do universalista, que o usa para tornar-se um indivíduo

melhor, e, por consequência, contribuir para uma sociedade mais harmônica.

4- SOLIDÃO

A solidão não é um problema para o espiritualista universalista, pois vê nela uma oportunidade de “olhar para dentro”, conhecer-se e exercitar a convivência consigo mesmo. Embora não busque deliberadamente estar só constantemente, aprecia os momentos em que a solidude ocorre. Além disso, o universalista sabe que a solidão é uma ilusão, pois todos os seres estão interligados.

5- EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

Para o espiritualista universalista, evolução espiritual é alcançar níveis mais profundos de autorrealização e de harmonia. Ou seja, evoluir espiritualmente é muito mais um processo interno de conscientização e transformação, do que qualquer esquema de “recompensa divina” por atos de disciplina ligados a preceitos religiosos e rituais externos.

6- RELIGIÃO

O espiritualista universalista é mais voltado ao conteúdo do que à forma. Assim, não se apega a uma religião em especial, procurando assimilar o que há de positivo em qualquer uma, e deixando de lado os ritos exteriores. No entanto, pode participar assiduamente de uma determinada religião, pois consegue ver/sentir a espiritualidade vinculada a ela, além das aparências externas e normas humanas.

7- NACIONALISMO

O universalista, até pelo nome que o intitula, não terá o nacionalismo como prioridade em sua vida. Ele pode e deve amar a sua nação, como coletivo que é de consciências em evolução, situadas num mesmo espaço, tempo e contexto. Porém, o espiritualista universalista vê a qualquer ser humano, seja de cultura próxima ou distante, como um irmão espiritual também em busca de autorrealização.

8- TRABALHO MATERIAL

O trabalho material, sob uma ótica mais universal, ganha forte amplitude. Então, para o espiritualista universalista, o trabalho não se separa do seu viver espiritual. O trabalho não é apenas seu sustento, mas também chance de se autorrealizar e de contribuir para toda a coletividade.

9- FAMÍLIA

O universalista compreende que a sua família terrena é composta pelas consciências que, por motivos diversos, o Cosmos as colocou em contato íntimo consigo. Portanto, há algo importante a aprender com eles e/ou a transmitir a eles, pelo menos em boa parcela da vida terrena. No entanto, o espiritualista universalista não perde de vista que todos os seres pertencem a uma mesma e única família.

10- MORTE

A morte é apenas uma transformação. O corpo perece, mas o espírito/consciência permanece. É o que sente e vivencia o espiritualista universalista, que, por ocasião do desencarne de alguém próximo, compreende a necessidade evolutiva do ser em outras dimensões da vida.

11- DIVULGAÇÃO

A divulgação do universalismo não é prioridade para o espiritualista universalista, pois ele entende que uma visão mais ampla da vida depende de maturidade individual. Portanto, pouca valia terá uma propaganda sistemática do universalismo. Então, pode-se concluir que o universalista consciente fará muito mais uma divulgação de ideias, do que o proselitismo praticado em diversas religiões.

12- SAÚDE

A manutenção da saúde, em todos os níveis, é muito importante para o espiritualista universalista. Ele sabe que seu corpo denso é veículo para a manifestação de sua consciência na Terra, onde há aprendizados ricos a serem feitos, enquanto durar a experiência física. Assim, não é difícil perceber que práticas extremistas como jejuns muito prolongados, autoflagelação, uso de alucinógenos, dentre outras, não constam no cotidiano do universalista.

13- A VERDADE

O espiritualista universalista compreende que a Verdade é multifacetada. Dependendo do ângulo sob o qual se olhe uma questão, ali se verá uma verdade. Então, sob outro ângulo, será possível ver outra verdade. Ou seja, cada um de nós enquanto ser finito, encarnado e limitado, terá sempre uma verdade parcial. A Grande Verdade, que tudo abarca, pertence à Inteligência Universal, ou ao Todo, ou a Deus.

14- DEUS

A concepção do Divino para o espiritualista universalista apresenta diversidade, e, não raras vezes, sem contornos bem definidos. Isto porque uma boa e abrangente definição para Deus é algo bastante difícil, pois o que é finito (o ser humano) não pode assimilar o infinito. Talvez um aspecto comum à maioria dos universalistas, é que a ideia de Deus é bem menos antropomorfizada do que em grande parte das religiões tradicionais. Assim, o universalista não constrói uma concepção de Deus à imagem e semelhança do próprio ser humano. Deus transcende às características humanas, abrangendo tanto aspectos pessoais como impessoais. Há casos mais extremos de universalistas que creem na inexistência de uma inteligência individualizada e centralizadora – Deus. Assim, facilmente se nota que a diversidade de concepções é grande. Portanto, as denominações quanto ao Divino, entre espiritualistas universalistas, é bastante extensa e deixamos aqui alguns exemplos: o Incognoscível, o Todo, o Infinito, a Inteligência Cósmica, a Inteligência Suprema, a Força Suprema, o Inominável, a Harmonia Universal, o Universo, o Grande Espírito, Deus,...

15- ESTUDO

Considerando duas vertentes principais, o estudo do mundo exterior e do mundo interno, ambas são relevantes para o universalista. Enquanto o religioso tradicional nem sempre foca o seu interior, o espiritualista universalista dá muita importância ao “conhece-te a ti mesmo”. E para isso, o universalista geralmente busca acesso a práticas e/ou terapias que promovam o autoconhecimento.

16- RELACIONAMENTO SEXUAL

O universalista entende o relacionamento sexual como uma das inúmeras formas de

manifestação do Amor. Assim, não vê o sexo como uma finalidade em si, mas sim uma das energias que complementa a vida. Em outras palavras, é mais um componente que contribui para a autorrealização e para a harmonia.

17- ALIMENTAÇÃO

Necessário é alimentar-se com equilíbrio para viver bem a experiência material, e não o contrário, “vivendo-se para comer”. Esta é uma visão espiritualista universalista, que não abdica do prazer ao fazer uma refeição, mas também prioriza uma boa nutrição. Nesse contexto, será possível uma saúde forte e estável, de modo a se ter bom proveito das oportunidades de aprendizado na vida material.

18- BELEZA

A beleza externa pode ser atrativa e inspiradora, mas é relativa e temporária. Então, sob este ponto de vista, o espiritualista universalista entende que mais vale a harmonia no viver, do que o cultivo sistemático da aparência exterior. O universalista, assim, se cuida com moderação, evitando um desleixo desnecessário, e se preocupando mais com seus estados interiores.

19- DIFICULDADES

As dificuldades que surgem na vida, para quem avalia os fatos de forma mais universalista, são oportunidades de desenvolver novas qualidades, em busca de soluções. Ou seja, o espiritualista universalista não interpreta as dificuldades como obstáculos a serem simplesmente destruídos.

20- AMOR

O Amor possui uma dimensão pessoal e outra transpessoal, na ótica universalista. O amor pessoal vivencia-se em aspectos variados, como nas relações marido/esposa, pai/filho, avó/neto, dentre outras. Já o amor transpessoal vai além da condição humana restrita, sendo algo mais universal em si, permitindo alguns exemplos como o amor de alguém pela natureza, pela humanidade deste planeta, pela Consciência Cósmica etc. O espiritualista universalista procura desenvolver ambas dimensões do Amor.

21- JUSTIÇA

No entendimento espiritualista universalista, a questão da Justiça apresenta-se sob dois aspectos básicos: a humana e a universal. A humana é falível e atua mais no campo pessoal. A universal não falha, transcende ao que é humano/pessoal e permeia a tudo. A Justiça Universal é o atributo da Consciência Cósmica que mantém a ordem nos mundos manifestados. Assim, por mais que aconteçam fatos que pareçam “absurdos” ou “injustos” ou “caóticos” no nosso planeta, estes são compreendidos como necessários pelo universalista, pois ele sabe que a Justiça Universal sempre ocorre. As Leis da Vida simplesmente funcionam, quer entendamos enquanto encarnados ou não, e se manifestam conjuntamente com o Amor, na sua maior dimensão.

22- HARMONIA

Harmonia é um conceito que significa a sabedoria alcançada por um ser, que sabe equilibrar os atributos de Amor e de Justiça, em seus pensamentos, sentimentos e atos. Harmonia é a meta a ser alcançada tanto pelo espiritualista universalista, como por qualquer indivíduo, quer ele saiba/perceba ou não, em seu atual estágio evolutivo. Harmonia é o “clima” do Cosmos, embora talvez não o notemos em grande parte de nossa existência terrena. A medida que expandimos a própria consciência, num processo lento e gradual, iremos entrando numa faixa mais harmônica. É questão de tempo e de desenvolvimento...

ARTIGO 14

ORIGENS DE UM ESPIRITUALISMO UNIVERSALISTA

Escrito em 30 de agosto de 2011.

INTRODUÇÃO

Embora creiamos que os dias de hoje sejam o período em que o Espiritualismo Universalista está ganhando alguma força e corpo, neste nosso pequeno planeta, o pensamento/sentimento universalista já se manifestou entre nós no passado. É claro que foram reflexões e práticas que surgiram de forma mais isolada, considerando o espaço geográfico, o fator tempo e o contexto humano. Portanto, há que se considerar que essas manifestações universalistas tiveram uma maior ou menor intensidade, conforme a cultura de cada época e lugar, deixando de ser plenamente universal. Isto é normal se avaliarmos a atualidade, ainda bastante ortodoxa em vários aspectos. Mas, por quê traços religiosos/culturais universalistas surgiram em alguns momentos distantes da história da humanidade? Esta pergunta poderia ser respondida longamente, com o auxílio de vários saberes acadêmicos, como a psicologia, a antropologia, a filosofia etc., porém nos atrevemos a dar uma resposta mais rápida, embora subjetiva: o Universalismo jaz como uma semente no espírito humano! Em uns germina precocemente. Em outros a germinação demora um pouco mais. Em alguns, talvez a grande maioria, a semente universalista germina após longo tempo. Mas, enfim, entendemos que uma compreensão mais integral e universalista da vida seja um caminho que todos encontrarão. É questão de tempo...

Bem, mas este artigo fala justamente sobre exemplos de uma germinação precoce universalista, nesta nossa Terra, num passado histórico conhecido de nossa civilização. Em especial nos ateremos à questão do Espiritualismo Universalista, em seus primórdios, apontando traços de seres/grupos que nos precederam, e que possivelmente estão reencarnados entre nós, agora, ou que nos inspiram da dimensão onde vivem. Faremos as citações de caráter universalista, respeitando a ordem cronológica, desde o que é mais antigo para o mais recente.

DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

Iniciamos com o Hinduísmo, cujas raízes estão fincadas na obra chamada Vedas (são quatro coletâneas), onde algumas partes remontam há cerca de 1500 a.C.⁽¹⁾. Especificamente usamos o Bhagavad Gita⁽²⁾, que é um dos livros sagrados da sabedoria védica. No Canto IX do referido livro, fala Krishna: ***“Eu sou o mesmo para todos os seres, ninguém me é querido ou odioso”***. Neste trecho fica evidente uma “imparcialidade universalista” de um ser considerado uma encarnação divina. No Canto X, Krishna reafirma a universalidade de sua essência em todos os seres, sem distinção alguma: ***“Eu sou, ó Gudasheza, o espírito entronizado no coração de todas as criaturas”***. No Canto XIII, Krishna dá uma orientação clara quanto à unidade da vida (monismo),

que é um traço marcante do Espiritualismo Universalista: ***“Vou mostrar-te agora o que se deve conhecer; aquele, através de cujo conhecimentos se alcança a imortalidade: o eterno e supremo Brahma, que não é qualificado nem como ser, nem como não-ser. Suas mãos e seus pés estão por toda parte a nossa volta, suas cabeças, seus olhos e suas bocas são esses rostos inúmeros que vemos por toda a parte, seus ouvidos estão em toda parte; incomensurável Ele preenche e envolve todo o Universo. Ele é o ser universal e nele vivemos”***. E mais à frente, no mesmo Canto XIII, Krishna arremata com uma concepção típica do Espiritualismo Universalista, que é o fato de que todos temos uma Essência Divina: ***“Vê a verdade aquele que percebe o Senhor excelso presente da mesma forma em todas as criaturas, imperecível no seio do perecível”***.

Passemos agora ao Budismo, que teve como fundador Sidharta Gautama, que viveu entre 560 e 480 a.C. Mesmo considerando suas diversas correntes, de uma forma geral o Budismo permite espaço para outros cultos e sentimentos religiosos, sendo isto um forte motivo pelo qual o movimento budista teve ampla aceitação na Ásia⁽¹⁾. Este aspecto de tolerância é caro ao Espiritualismo Universalista. Segundo estudiosos⁽¹⁾ ***“a diversidade religiosa não é considerada uma fraqueza. Muitos budistas diriam até que o oposto é que é verdade”***.

Quanto ao Taoísmo, se baseia no livro chamado Tao Te King, cuja tradição aponta como autor Lao-Tse, que viveu por volta do século VI a.C.⁽¹⁾. Considerando uma versão⁽³⁾ do Tao Te King, pode-se destacar a seguinte passagem: ***“... o imanifesto e o manifesto consurgem, o fácil e o difícil confluem, o longo e o curto condizem, o alto e o baixo convergem, o som e a voz concordam, o anverso e o reverso coincidem”***. Este trecho mostra claramente uma faceta monista da obra, que é um atributo do Espiritualismo Universalista. Na passagem a seguir, se percebe a questão do autoconhecimento, um princípio fundamental para o espiritualista universalista: ***“Quem conhece o outro é sábio, quem conhece a si mesmo é iluminado”***. Na sequência, destaca-se mais um trecho com aspecto monista do Tao Te King: ***“O grande Tao é transbordante, ele pode à esquerda e à direita; as dez mil coisas dele dependem para viver, nunca são rejeitadas; completa a obra e não se apropria; veste e nutre as dez mil coisas e não se faz senhor”***.

Então, chegamos ao Cristianismo. O Novo Testamento⁽⁴⁾ apresenta alguns conteúdos com traços universalistas. Na primeira epístola de Paulo aos Tessalonicenses (capítulo 5, versículos 19 a 21) se pode ler: ***“não extingais o Espírito; não desprezei as profecias, mas ponde tudo à prova. Retende o que é bom”***. Neste trecho, percebe-se o princípio espiritualista universalista da flexibilidade, onde não se despreza nada, avaliando-se tudo que chega até a si, e discernindo-se o que é positivo, de forma a obter expansão consciencial. Já na segunda epístola de Paulo aos Coríntios (capítulo 3, versículo 6) se nota: ***“... porque a letra mata, mas o espírito vivifica”***. Esta

passagem demonstra mais um princípio espiritualista universalista, que é o de que “o conteúdo é mais importante que a forma”. Além disso, esta citação de Paulo deixa evidente que “espiritualidade é vivência”, outro aspecto universalista primordial. Em Lucas, no capítulo 10, versículos 30 a 37, também há uma passagem relevante. Se trata de Jesus contando uma parábola, em que um samaritano (as pessoas da região de Samaria eram desprezadas pelos judeus) teve a melhor atitude perante um homem que fora roubado e espancado. Desta forma, Jesus mostrou a importância de princípios que são espiritualistas universalistas, como a questão da tolerância, e de que “espiritualidade é vivência”.

Por fim, apresentamos aspectos universalistas entre os Sufis, por muitos descritos como os místicos do Islã. Idries Shah, através de ótima obra⁽⁵⁾, cita Jalaludin Rumi (1207-1273): ***“Examinei a cruz e os cristãos, do princípio ao fim. Ele não estava na cruz. Fui ao templo hindu, ao antigo pagode. Em nenhum havia qualquer sinal dele. Subi aos cumes de Herat e de Kandahar. Olhei. Ele não estava no cume nem no planalto. Resoluto, ascendi ao topo da montanha de Kaf. Lá só havia o lugar do pássaro Anqa. Fui à Caaba. Não o vi lá. Indaguei do seu estado a Ibn Sina; ele estava além dos limites do filósofo Avicena... Contemplei meu próprio coração. E nesse lugar o vi. Não estava em nenhum outro...”*** Segundo Idries Shah, “ele” (que, no original, pode ser tanto ele quanto ela) é a verdadeira realidade. Bem, este texto de Rumi é visivelmente universalista, já que demonstra que “espiritualidade é vivência”, ou seja, espiritualidade é mais do que pertencer a uma determinada religião ou cultura. Também é destacável uma citação sufi que consta no livro “A fala dos sábios” (de Ishan Kaiser), apontada por Idries Shah⁽⁵⁾: ***“Estou no pagão; adoro perante o altar do judeu; sou o ídolo do iemenita, o verdadeiro templo do adorador do fogo; o sacerdote do mágico; a realidade espiritual do brâmane que medita de pernas cruzadas; o pincel e a cor do artista; a personalidade poderosa, suprimida, do escarnekedor de religiões. Não tomamos o lugar dos outros: quando uma chama é atirada na outra, ambas se juntam a ponto de não andarem sós. Arremesse uma tocha numa vela e exclame depois: vejam! Aniquilei a chama da vela!”*** Esta bela citação, mesmo numa análise rápida, permite distinguir pelo menos três princípios espiritualistas universalistas inclusos. Um deles é que “o conteúdo é mais importante que a forma”. Um outro facilmente assinalável é que “a Verdade possui infinitas faces”. E, por fim, nota-se que o princípio do monismo é evidente.

PALAVRAS FINAIS

Bem, esperamos que este artigo tenha lançado um pouco de luz sobre os primórdios do Espiritualismo Universalista. E voltando a considerar que o Universalismo é como uma semente

que dorme na alma de cada ser, desejamos que este texto possa ser como a água necessária para tornar menos árido o solo espiritual, permitindo boa germinação. Mais cedo ou mais tarde, a humanidade que se desenvolve neste nosso planeta há de compreender e praticar o que consideramos princípios fundamentais para um Espiritualismo Universalista: 1- A Verdade possui infinitas faces; 2- Humildade; 3- Fazer ao próximo o que gostaria de receber; 4- Autorrealização/Harmonia; 5- O conteúdo é mais importante que a forma; 6- Tolerância; 7- Flexibilidade; 8- Predominância do monismo; 9- Espiritualidade é vivência; e 10- Autoconhecimento.

Fontes bibliográficas consultadas:

- (1) O Livro das Religiões. Victor Hellern, Henry Notaker & Jostein Gaarder. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- (2) A História do Bhagavad Gita. Versão disponível no site <http://www.escoladefilosofia.org.br>. Acesso em 17 de agosto de 2011.
- (3) Tao Te King. Versão disponível no site <http://imotiro.org/>. Acesso em 17 de agosto de 2011.
- (4) Bíblia Sagrada. Versão disponível no site <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 18 de agosto de 2011.
- (5) Os Sufis. Idries Shah. São Paulo: Editora Cultrix, 1993, 9ª edição.

ARTIGO 15

UMBANDA E ESPIRITUALISMO UNIVERSALISTA

Escrito em 28 de setembro de 2011.

INTRODUÇÃO

A Umbanda é uma religião brasileira, que reflete o próprio país em suas origens e quanto à formação de uma identidade nacional. Há elementos facilmente perceptíveis, na Umbanda, da cultura religiosa dos povos que constituem o Brasil, estendendo-se desde os indígenas que aqui habitavam antes da chegada de Cabral, passando pelos europeus colonizadores, e chegando aos africanos, que para cá vieram originalmente como escravos. Assim, tanto nos primórdios do Estado brasileiro, como na formação da cultura nacional e também no surgimento da Umbanda, a diversidade é a base. E esta diversidade, em todos os sentidos, é propícia à constituição de uma mentalidade mais universalista, embora seja patente a natural resistência humana às mudanças de paradigmas. Hoje, no cenário nacional, sem dúvida a Umbanda é uma força significativa que impulsiona o movimento espiritualista universalista. Desta forma, neste artigo, falaremos um pouco sobre a Corrente Astral da Umbanda e sua conexão com o Espiritualismo Universalista.

PILARES DA UMBANDA

Entendemos ser importante mencionar, neste momento, o que compreendemos como pilares de sustentação da Umbanda, enquanto religião atuante. É claro que considerando somente os três aspectos que iremos apontar, não deixa de haver, em certo nível, uma redução do que é a Umbanda. Mas, ainda assim os assinalaremos, pois são pilares bastante relevantes para o bom funcionamento das sessões umbandistas. Inicialmente, destacamos as **entidades espirituais** que formam a egrégora da Umbanda, ou seja, os chamados guias e trabalhadores auxiliares. Todos esses espíritos, obviamente, são parte fundamental da Corrente Astral da Umbanda, que se manifesta, no plano terreno, através de seus médiuns. Estes, os médiuns, por extensão natural, também compõem a egrégora umbandista. Portanto, se tem como parte fundamental do primeiro pilar dessa religião brasileira as **entidades espirituais**, que apresentam-se nas sessões de forma bastante diversificada. Por exemplo, podemos citar as manifestações no estilo de “preto velho”, refletindo a sabedoria que os escravos adquiriram, após encarnações difíceis de trabalho e burilamento em terras brasileiras. Também podemos destacar as manifestações mediúnicas no estilo “caboclo”, onde o guia/mentor apresenta-se como índio, trazendo suas orientações e experiências particulares, associando-as, frequentemente, ao uso de ervas com fins específicos. Portanto, considerando os “pretos velhos”, “caboclos” e outras formas típicas de manifestação na Umbanda, nota-se que esta **diversidade** de entidades comunicantes é universalista em si, consistindo num segundo pilar desta nossa legítima religião. A partir desse entendimento, chegamos ao que consideramos um terceiro pilar umbandista, que é a **identificação** de boa parcela da população espiritualista com um ou mais estilos de

manifestação das entidades. Ou seja, esta **identificação** é um pilar de caráter psicológico, já que os adeptos e simpatizantes da Umbanda, acabam por se verem refletidos, de certa maneira, nas entidades comunicantes.

Portanto, tendo-se em mente estes três pilares que ajudam a sustentar os cultos umbandistas, nas suas diversas variantes, podemos afirmar que a Umbanda é uma religião de integração, pois abarca uma série de culturas e matizes de espiritualidade. Em outras palavras, a Umbanda essencialmente é universalista. Mas, como este artigo pode comprovar o universalismo desta religião, aos que nunca puderam frequentar/conhecer sessões umbandistas? Bem, isto não é tarefa trivial, mas compreendemos que os chamados “pontos cantados” podem trazer mais evidências de que a Umbanda é primordialmente universalista.

OS PONTOS CANTADOS

Os “pontos cantados” são cânticos entoados nas sessões umbandistas com algumas funções, dentre as quais assinalamos a melhoria de concentração dos médiuns nos trabalhos, a facilitação do transe mediúnico e a invocação de determinada corrente espiritual. As letras dos “pontos cantados” podem revelar a diversidade/universalismo que pertence à Umbanda. É isto que vamos examinar agora, através de alguns exemplos.

1º PONTO

*Caboclo da mata trabalha
Com São Cipriano e Jacó.
Caboclo da mata trabalha
Com São Cipriano e Jacó.
Trabalha com a chuva e o vento.
Trabalha com a lua e o sol.*

Comentário – Este cântico integra o indígena (“caboclo da mata”) a uma referência do Catolicismo (“São Cipriano”), bem como a uma figura do Judaísmo, “Jacó”, que foi o terceiro patriarca da Bíblia. É destacável, também, que há indicações diretas do uso de elementos da natureza, como a chuva e o vento, o que revela uma conexão ao Xamanismo.

2º PONTO

No mar, ele é remador.

Na mata, ele é caçador.

No mar, ele é remador.

Na mata, ele é caçador.

Quem ele é?

Quem ele é?

Ele é Ubirajara de Jesus de Nazaré.

Comentário – Neste ponto cantado, encontra-se uma clara menção de vínculo de uma entidade indígena (Ubirajara) a Jesus de Nazaré, figura central do Cristianismo, que abarca as modalidades de Catolicismo e as diversas correntes protestantes.

3º PONTO

Eu vi um clarão na mata.

Eu pensava que era dia.

Eu vi um clarão na mata.

Eu pensava que era dia.

Ô eram as Almas!

Ô eram as Almas!

Ô eram as Almas do Rosário de Maria.

Comentário – Neste cântico há três referências distintas. Quando se fala em “mata”, obviamente é possível assinalar o campo vibratório do elemento indígena. Quando se aponta “as Almas”, nos cultos umbandistas, está se referindo à chamada “Linha das Almas”, que é constituída principalmente pelos “pretos velhos” (a cultura/elemento africano). Já o termo “Almas do Rosário de Maria” é uma menção ao fato dos escravos, na época do Brasil Colonial, terem assimilado o Catolicismo vigente.

4º PONTO

A balança do céu

Tem um peso fiel.

***Quem pesa esta balança
É Deus e Miguel.***

Comentário – Este ponto cantado mostra que a Umbanda tem, como referências importantes, o Judaísmo e o Cristianismo como um todo, pois cita a figura de Miguel, o arcanjo. O “mundo angélico”, com todas as suas hierarquias e poderes, está fundamentado no Judaísmo, que emprestou esta visão às diversas correntes cristãs e também ao Islamismo (no Alcorão, o anjo Gabriel é figura proeminente).

5º PONTO

***Noé! Noé! Noé, a barca vem!
Noé! Noé! Noé, a barca vem!
Carregada de caboclos,
Oxóssi e mais ninguém.***

Comentário – Este cântico mostra, mais uma vez, que a Umbanda busca elementos no Judaísmo, que constam na Bíblia (neste caso a história de Noé e sua embarcação). Este ponto cantado insere a figura dos caboclos (corrente espiritual formada basicamente por indígenas), que são alocados na dimensão vibratória de Oxóssi, orixá africano que simboliza o caçador, o senhor da floresta e a fartura.

6º PONTO

***Estrela que ilumina o firmamento,
Clareia o mundo porque é ordem de Zambi.
Estrela vai buscar seu Pena Verde na Aruanda,
Dizendo a ele que aqui é a sua banda.***

Comentário – Neste cântico assinala-se Zambi, que é o Deus supremo nos candomblés de Nação Angola. Constata-se outro elemento africano, a palavra “Aruanda”, que, dentre os significados atribuídos, pode-se destacar como o “céu” ou como o “Mundo Espiritual” dos orixás e entidades associadas. O ponto cantado ainda agrega um elemento indígena, o caboclo “Pena Verde”, integrando aspectos diferenciados da Espiritualidade.

7º PONTO

Bate forte o tambor!
Nagô! Nagô!
Viva Deus e Nossa Senhora!
Nagô! Nagô!

Comentário – Neste ponto cantado há uma referência direta ao grupo Nagô, que eram os negros escravizados que falavam o Iorubá. Além do elemento africano, menciona-se Nossa Senhora (Catolicismo), demonstrando-se a fusão de culturas na Umbanda.

8º PONTO

Dei uma volta ao mundo,
Outra no mundo de Deus.
Dei uma volta ao mundo,
Outra no mundo de Deus.
Que hora tão sublime,
Que o indiano desceu.

Comentário – Este cântico mostra que a Umbanda, na questão de sua diversidade/universalismo, vai além dos três grandes grupos formadores da cultura brasileira (europeus, africanos e indígenas), pois, aqui, claramente se tem uma louvação ao chamado “Povo do Oriente”, na figura do indiano que, em certos centros umbandistas, “incorpora” em determinados médiuns.

9º PONTO

O Oriente é uma terra quente,
Aonde nasce o sol.
O Oriente é uma terra quente,
Aonde nasce o sol.
É do Oriente!
É no romper da Aurora!
É na mesa de Umbanda,
Que vovó Catarina chora.

Comentário – Neste ponto cantado, integra-se a dimensão espiritual do Oriente com a corrente vibratória dos “pretos velhos”, através da entidade “Vovó Catarina”. E quando se fala da “mesa de Umbanda”, é porque alude-se à forma de trabalho “kardecista” (Espiritismo), cujas atividades comumente ocorrem com os médiuns sentados a uma mesa. Na Umbanda típica, os trabalhos se dão num amplo espaço denominado “terreiro”, onde os médiuns atuam de pé. Porém, há centros umbandistas que também têm atividades semelhantes ao Espiritismo, trabalhando-se à mesa, e dando oportunidade ao desenvolvimento de estudos do Evangelho e sobre mediunidade no geral.

PALAVRAS FINAIS

Com tudo o que foi apresentado, não é difícil concluir que a Umbanda é um efetivo exemplo de integração entre religiões/visões da Espiritualidade. No entanto, isto não significa que todos os umbandistas são, de fato, universalistas, pois em qualquer religião há indivíduos exclusivistas/sectaristas. No entanto, pelo que foi exposto, evidencia-se que a Umbanda é um terreno fértil para o bom exercício do Espiritualismo Universalista.

ARTIGO 16

ESPIRITISMO E ESPIRITUALISMO UNIVERSALISTA

Escrito em 20 de outubro de 2011.

INTRODUÇÃO

O Espiritismo, codificado por Allan Kardec, apresenta traços expressivos de universalismo nas suas origens, embora o contexto de sua Codificação tenha se ambientado na França do século XIX, onde predominava o Catolicismo. Desde esta época, até os dias de hoje, o Espiritismo floresceu com maior intensidade no Brasil. Avaliando-se, ainda que de uma forma um tanto genérica, o comportamento dos espíritas brasileiros, pode-se afirmar que uma parcela significativa desta população não possui a visão universalista que Kardec e os espíritos comunicantes imprimiram na Codificação. Em outras palavras, há muitos espíritas com sentimentos e ações preconceituosas/sectaristas com relação a outras religiões ou abordagens espiritualistas. Desta forma, este artigo foi elaborado com a intenção de demonstrar, embora brevemente, que o universalismo está nos fundamentos do Espiritismo.

DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

Principalmente, utilizaremos algumas obras da Codificação Espírita, citando e comentando trechos que apresentem traços nítidos de universalismo. Para isso, destacamos que respeitaremos a ordem cronológica de surgimento dos livros, desde o mais antigo para o mais recente.

Em **O Livro dos Espíritos**⁽¹⁾, que veio a lume em 1857, há várias passagens relevantes. Numa delas, no capítulo “Da pluralidade das existências”, pode-se ler o seguinte comentário de Kardec: “*Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, ...*”. Neste trecho, portanto, há um caráter universalista explícito, ou seja, não há privilégios da Divindade para com qualquer grupo cultural/religioso em específico. Na segunda parte da obra, capítulo IV, Kardec comenta que “*assim é que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela justiça de Deus*”. Este trecho afirma o aspecto universal da Justiça Divina, e a ausência de qualquer imunidade especial. Na terceira parte do livro, capítulo I, uma das respostas dos espíritos contém a frase “*a lei de Deus é a mesma para todos...*”, confirmando o aspecto de universalidade já colocado. No capítulo “Da perfeição moral”, há a pergunta 919 (Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?), que é respondida da seguinte forma: “*Um sábio da antiguidade vo-lo disse: conhece-te a ti mesmo*”. Esta resposta consiste num dos princípios fundamentais do Espiritualismo Universalista, que é a questão do **autoconhecimento**.

Em **O Livro dos Médiuns**⁽²⁾, que data de 1861, no capítulo intitulado “Do método”, é destacável que “*...o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas*

as crenças...”. Este trecho está em perfeita consonância com mais um princípio essencial do Espiritualismo Universalista, que é o da **tolerância**.

Em outra obra kardequiana, **O Espiritismo em sua expressão mais simples**⁽³⁾, consta que *“a própria doutrina que os espíritos ensinam hoje não tem nada de novo; é encontrada em fragmentos na maior parte dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia...”*. Ou seja, aqui há mais uma conexão entre o Espiritismo e o Espiritualismo Universalista, pois este último tem como princípio que **a verdade possui infinitas faces**, isto é, ela está em todas religiões/culturas, ainda que parcialmente.

Já em **O Evangelho segundo o Espiritismo**⁽⁴⁾, que surgiu em 1864, no capítulo “Não vim destruir a lei”, é possível ler: *“... a Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra do mundo moral. Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância”*. Este parágrafo demonstra os princípios universalistas da **flexibilidade** e da **tolerância**, em direção a um certo nível de **monismo**, que é outro fundamento do Espiritualismo Universalista. Na mesma obra, no capítulo “A fé transporta montanhas”, está escrito: *“Diz-se vulgarmente que a fé não se prescreve, donde resulta alegar muita gente que não lhe cabe a culpa de não ter fé. Sem dúvida, a fé não se prescreve, nem, o que ainda é mais certo, se impõe. Neste trecho, é possível notar o princípio da **tolerância**, muito caro ao Espiritualismo Universalista, e que também está expresso no texto seguinte, do capítulo “Buscai e achareis”: *“... não violenteis nenhuma consciência; a ninguém forceis para que deixe a sua crença, a fim de adotar a vossa; não anatematizeis os que não pensem como vós; acolhei os que venham ter convosco e deixai tranquilos os que vos repelem. Lembrai-vos das palavras do Cristo. Outrora, o céu era tomado com violência; hoje o é pela brandura”*.*

No livro **A Gênese**⁽⁵⁾, apresentado ao público em 1868, capítulo I, está registrado: *“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”* Esta afirmativa representa muito bem o princípio universalista da **flexibilidade**. No mesmo capítulo, há outro trecho bastante relevante: *“Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao*

tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso... É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas as crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental – Deus e a imortalidade da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.” Este texto aponta mais um princípio do Espiritualismo Universalista, que assinala que **o conteúdo é mais importante que a forma**. Um outro facilmente perceptível é o princípio do **monismo**.

PALAVRAS FINAIS

Finalizando este artigo, deixamos em destaque parte do discurso “**O Espiritismo é uma religião?**”⁽⁶⁾, de Allan Kardec, publicado originalmente na Revista Espírita de dezembro de 1868: “... *submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças, por mais irracionais que nos pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver enfim nas descobertas da ciência a revelação das leis da natureza, que são as leis de Deus: eis o credo, a religião do Espiritismo, religião que pode conciliar com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus.*” Assinalamos o trecho acima, no intuito de demonstrar que Kardec detinha fortes traços de universalismo em sua personalidade, e que ele, juntamente com a egrégora espiritual que lhe deu sustentação, imprimiram aspectos claramente universalistas ao Espiritismo. Assim, embora ainda existam muitos espíritas que pensam e agem de forma um tanto sectarista, é inegável que o Espiritismo, na forma como foi concebido originalmente, tem muitos pontos em comum com o Espiritualismo Universalista.

Fontes bibliográficas consultadas:

- (1) O Livro dos Espíritos. Allan Kardec. Federação Espírita Brasileira, 76^a edição. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 1/10/2011.
- (2) O Livro dos Médiuns. Allan Kardec. Federação Espírita Brasileira, 62^a edição. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 1/10/2011.
- (3) O Espiritismo em sua expressão mais simples. Allan Kardec. Edições Feesp, 2^a edição. Disponível em <http://www.espirito.org.br>. Acesso em 1/10/2011.
- (4) O Evangelho segundo o Espiritismo. Allan Kardec. Federação Espírita Brasileira, 112^a edição. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 1/10/2011.

(5) A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo. Allan Kardec. Federação Espírita Brasileira, 36ª edição. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em 1/10/2011.

(6) A Religião do Espiritismo. Editorial da Revista O Consolador, número 41, ano 1. Disponível em <http://www.oconsolador.com.br/41/editorial.html>. Acesso em 1/10/2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O LIVRO

Caros amigos leitores, que nos acompanharam até aqui, esperamos que esta jornada tenha sido agradável e produtiva. No entanto, ainda cabem algumas breves considerações, que basicamente se referem à questão do Espiritualismo Universalista. É importante frisar, nessas palavras derradeiras, que não temos a menor intenção de estimular a criação de uma religião nova. Entendemos que aquelas que já existem, possuem excelentes princípios espiritualizantes. O nosso foco e objetivo fundamental é o de ajudar a promover uma visão universalista, que perpassa por todas as religiões e filosofias de vida, permitindo uma compreensão do que é espiritual, para além das diversas variedades de culto e de viver. A Espiritualidade está em tudo e todos, inclusive na natureza que nos cerca. Contudo, é preciso desenvolver uma visão mais aguçada, para perceber a Energia Divina por trás do mundo das formas. Então, esperamos que este livro tenha contribuído para despertar ou aprofundar esta visão em você, caro leitor. Assim nos despedimos, deixando um abraço ecumênico àqueles que se atreveram a ler “Espiritualismo em foco”.

Pablo de Salamanca